

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO PÓRTO

(Subsidiado pelo Instituto para a Alta Cultura)

Director — Prof. Dr. Mendes Corrêa

Relatório da Missão Antropológica à África do Sul e a Moçambique

1.^a Campanha de trabalhos — 1936

POR

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

Assistente encarregado de regência na Faculdade de Ciências da Universidade do Pôrto
e Bolseiro do Instituto para a Alta Cultura

O conhecimento científico das nossas colónias requer uma urgente e patriótica campanha que é necessário realizar com fervoroso entusiasmo, com acrisolado amor, com vontade decidida.

Bem hajam todos aquêles que, em situações que lhes permitem atitudes de decisão e de comando, orientam energias, captam valores, congregam técnicos e chamam especialistas, propulsinando a nova jornada patriótica de inteligente e decidido anseio no conhecimento profundo das nossas colónias, para que a valorização das mesmas se faça duma maneira consciente, metódica e progressiva.

É preciso conhecer bem as características físicas dos indígenas, as suas tendências, directamente relacionadas com o temperamento, a sua psicologia, os seus usos, os seus costumes, para que bem possamos aproveitar as qualidades das raças e, jogando muitas vezes com os seus próprios vícios ou defeitos, dêles tirar partido para a grande obra de política colonial, que, com a compreensão nítida e segura da missão que lhe compete, Portugal tem realizado.

Povo de navegadores, de guerreiros e de heróis, através da nossa incomparável e magnífica história, temos marcado um sen-

tido profundamente cristão e humanitário a reger os princípios da política e do fomento das nossas colónias.

Esse mesmo sentimento não deixa, ainda hoje, de presidir a todos os actos e princípios que, directa ou indirectamente, interessam às raças do nosso império colonial.

Os problemas do conhecimento científico dos nossos domínios de além mar sempre preocuparam, como não podia deixar de ser, o espírito daqueles que, com tanto acêrto, vêm dirigindo o Instituto para a Alta Cultura. Seja-me permitido realçar, com a merecida justiça, os nomes do Prof. Dr. Celestino da Costa e Dr. Leite Pinto que, respectivamente, como presidente e secretário daquele Instituto, têm realizado, na medida do possível, obra apreciável e digna do maior louvor.

Para falar apenas do que se passa com a Antropologia, vimos que, há dois anos, o Instituto para a Alta Cultura subsidiou o Sr. Dr. António Almeida, Professor da Escola Superior Colonial, que em missão de estudos antropológicos foi a Angola, onde teve ensejo de estudar os Dembos.

Dada a vastidão e a riqueza etnológica das nossas colónias, é necessário que as missões antropológicas possam não só alargar o seu âmbito, mas também agregar pessoal indispensável de modo a realizar uma tarefa amplamente proveitosa.

Neste capítulo estivemos tanto tempo sem nada fazer que agora há necessidade de andar depressa, sem deixar, contudo, de observar todo o rigor científico na colheita do material, bem como na análise crítica do mesmo.

Trabalhos desta natureza demandam especial cuidado e longo tempo. A Missão Antropológica dotada com pessoal suficiente e com o material indispensável pode realizar uma tarefa interessante e altamente patriótica.

Vejamos como nasceu a Missão Antropológica a Moçambique de que fui incumbido no ano de 1936 (Julho a Dezembro).

Numa reunião conjunta do Instituto para a Alta Cultura e da Junta das Missões Geográficas e Investigações Coloniais estudou-se a possibilidade de enviar uma Missão de Estudos Antropológicos a Moçambique.

Foi convidado a desempenhar essa missão o Prof. Dr. A. A. Mendes Corrêa, Mestre eminente da Antropologia Portuguesa, investigador ilustre, fundador e Presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, criador entusiasta e entusiasta animador da Escola Antropológica do Pôrto, que tem como núcleo o Instituto de Antropologia da Universidade nortenha.

Pena foi que o Prof. Mendes Corrêa não pudesse aceitar esse convite. Ninguém melhor do que êle poderia realizar, e com o máximo proveito, a tarefa em questão.

Instado a indicar o nome de alguém que pudesse ser encarregado da missão antropológica a Moçambique, e desde que ficara assente que à Faculdade de Ciências do Pôrto cabia a parte antropológica, quis o Prof. Mendes Corrêa distinguir-me com a escolha.

No regresso de Lisboa onde fôra para tomar parte na referida reunião conjunta do I. A. C. e da J. M. G. I. C., o Prof. Mendes Corrêa transmitiu-me, verbalmente, o convite que fôra encarregado de fazer-me, e pelo qual eu seguiria em viagem de estudos antropológicos, arqueológicos e etnográficos, à nossa colónia de Moçambique, como agregado à Missão Geográfica que há uns anos ali vem trabalhando.

Acedi em princípio.

Havia tôda a conveniência em me avistar com o Sr. Comandante Baeta Neves, chefe da Missão Geográfica de Moçambique, o qual, em conversa com o Prof. Mendes Corrêa, de início manifestara o interêsse que havia numa troca mútua de impressões.

Por isso em Abril de 1936 abalei para Lisboa e ali me encontrei com o Sr. Comandante Baeta Neves.

Na mesma ocasião estive no I. A. C., tendo trocado impressões com o Prof. Celestino da Costa e com o Dr. Leite Pinto sobre a organização da minha missão. Não esquecerei as palavras cheias de entusiasmo e de incentivo com que me receberam.

O plano da viagem comportava duas partes. A primeira, visita aos Museus, centros universitários e algumas estações de arte rupestre da União Sul Africana e da Rodésia. Esta primeira parte compreendia também uma visita às célebres ruínas de Zimbaué. A segunda parte compreendia a estadia na nossa colônia de Moçambique, e especialmente no distrito de Tete, para colheita de elementos antropológicos, arqueológicos e etnográficos.

Dada a natureza da viagem e as avultadas despesas a fazer com os preparativos de embarque apresentei umas sugestões que pelo Instituto Antropológico da Faculdade de Ciências da Universidade do Pôrto foram enviadas a sua Excelência o Ministro das Colônias, por intermédio da Junta das Missões.

Passaram dias e semanas, até que se recebeu um ofício do Ministério das Colônias indeferindo as sugestões por mim apresentadas.

De novo voltei a minha atenção para alguns trabalhos de investigação que tinha entre mãos, e que tivera de abandonar um pouco, a-fim-de preparar a minha possível viagem a África.

O ano escolar ia quási no fim. Tinha já destinado a minha campanha de trabalhos para as férias grandes, quando, em 24 de Junho, o Prof. Mendes Corrêa recebe um telefonema do Prof. Luiz Carrisso comunicando-lhe que tudo se aplanara, que a minha viagem de estudo à África estava assente e que era necessário a minha ida urgente a Lisboa.

Em 27 de Junho abalo para a capital e ali me avistei à chegada com o Prof. Luiz Carrisso que, tendo sido um excelente obreiro das missões científicas às colônias, no número das quais figurava a Missão Antropológica, foi também para mim um exce-

lente amigo, acompanhando-me em várias diligências preparatórias da viagem, dando-me ensinamentos e conselhos ditados pela sua experiência de investigador em terras de África.

Tive a honra de ser recebido pelo Sr. Dr. Francisco José Vieira Machado, ilustre Ministro das Colônias, o qual, absolutamente integrado no mesmo espírito que anima os centros universitários portugueses e o I. A. C., deseja que o conhecimento científico das nossas colônias se faça duma maneira consciente, inteligente e metódica.

Sua Excelência, com o prestígio de que goza, as qualidades de inteligência que usufrue e com o entusiasmo próprio das realizações que são verdadeiramente sentidas, será indubitavelmente o grande propulsor das investigações científicas coloniais.

Nas entrevistas que tive com sua Excelência o Ministro, ficou definitivamente assente a minha viagem. A partida foi marcada para o dia 23 de Julho. Estávamos a 30 de Junho. Regresso ao Pôrto a-fim-de preparar as minhas coisas nas escassas três semanas de que dispunha.

Não devo prosseguir no relato do que se refere à organização da viagem, sem realçar com o justíssimo e merecido relêvo o valioso concurso que me foi prestado pelo Instituto para a Alta Cultura que, com a bolsa que me concedeu, veio tornar possível a minha ida. Cumpre-me asseverar que o concurso do I. A. C. foi absolutamente decisivo.

No período que antecedeu o meu embarque estive sempre em relações epistolares com o Prof. Luiz Carrisso que me ia dando conta do andamento das coisas oficiais que se prendiam com a minha viagem. A data de 23 de Julho que havia sido posta teve de ser adiada. Em 25 de Julho abalo do Pôrto. Até ao dia de embarque, em 30, andei numa roda viva, do ministério para a Imprensa Nacional, dali para a Polícia de Emigração e para o Instituto para a Alta Cultura, e para a Agência Cook e Banco Nacio-

nal Ultramarino. Foi um nunca parar. As dificuldades que surgiam, as complicações por vezes criadas na resolução dessas mesmas dificuldades, as resistências passivas, as demoras enervantes e inexplicáveis, tudo enfim se resolveu.

*

* *

Em 30 de Julho, à meia-tarde, embarquei com destino ao Funchal. Tarde de sol. O vento soprava rijo de proa. Afastamo-nos lentamente. O casario de Lisboa foi-se delindo a pouco e pouco.

A Tôrre de Belém, batida de chapa pelo sol do fim da tarde, realçava, cheia de nobreza.

Naquela Tôrre magnífica, cada rendilhado, cada franja cinzelada no mármore, são expressões torturantes do coração de quem parte cheio de saúdades.

A Tôrre de Belém é a cristalização em mármore da saúde lusíada.

Lá longe, o Palácio da Pena, esfumado em névoa e alcandorado no pico da serra. E a serra de Cintra e o seu palácio de maravilha corriam sobre o cabêço fronteiro da beira rio, como a quererem acompanhar-nos.

À esquerda, assente em trançoeira lingueta de areia, o farol do Bugio, que vai ficando para trás.

A serra de Cintra cançou-se de correr e queda-se esfumada em neblina.

O navio balouçava num mar cavado. O vento rijo espumava a crista das ondas. Estava lindo o mar, encarneirado, salpicadinho de espuma.

Já mal se avistava a terra.

O coração batia forte, alanceado de saúdades.

O momento era azado para cogitações.

Nunca me pareceram tão belos os versos da magnífica estrofe que o nosso épico põe na bôca do Gama, quando descreve ao rei de Melinde a partida da armada:

Já a vista pouco e pouco se desterra
Daqueles pátrios montes que ficavam.
Ficava o caro Téjo e a fresca serra
De Cintra, e nela os olhos se alongavam;
Ficava-nos também na amada terra
O coração que as máguas lá deixavam,
E já depois que tôda se escondeu,
Não vimos mais enfim que mar e céu.

Então ao recitar mentalmente estes versos, perfumados pela tristeza augusta do mar, apreciei, uma vez mais, o talento genial daquele que em versos imorredoiros cantou uma pátria imorredoiira também.

Do meu saudável cogitar fui despertado por um companheiro de viagem que, debruçado na amurada, torturado pelas náuseas, prosaicamente se desfazia do almôço.

Dois dias volvidos e aproamos ao Funchal.

Funchal

É para mim inesquecível aquela magnífica manhã cheia de sol.

A impressão de agrado que se colhe ao chegar à Madeira é absolutamente extraordinária.

O panorama da costa do Caniçal, Machico, Santa Cruz, Gaula e Caniço é verdadeiramente encantador.

Dobrada a ponta do Guarajá, aproamos ao barco dos pilotos que indica o ponto onde havíamos de ancorar.

O anfiteatro do Funchal é uma jóia de verde com casinhas brancas encastoadas a esmo.

A Madeira é uma ilha quasi lendária já, de tão linda que é, e de tão cantada que tem sido.

A meia-manhã deixei o *General Artigas* que seguia para a América do Sul. Desembarque, alfândega e instalação no hotel: tudo se fêz num pronto. O resto da manhã em companhia do Rev.º Padre António Eduardo Henriques, pároco em Câmara de Lôbos e que fôra meu companheiro de viagem desde Lisboa, visitei a catedral, monumento interessante em estilo manuelino, mas infelizmente alterada por estuques pretensiosos e caiações gritantes que a descaracterizam. Bem merece que a Direcção dos Monumentos Nacionais, que tem feito tantas e tão acertadas reconstituições de muitos monumentos portugueses, dedique um pouco da sua atenção a esta catedral, repondo-a na sua pureza e sabor primitivo. A ábside, talvez a parte architectonicamente mais notável do monumento, está escondida pelo casario que a entaipa.

Visitamos depois a Igreja do Colégio que é um excelente espécime do Renascimento. O teto da Igreja pintado em tábuas, é rico de côr, tem harmonia e sumptuosidade. Os azulejos de algumas das capelas laterais pareceram-me excelentes. A sacristia é ainda mais sumptuosa do que pròpriamente a Igreja. Mármoreos ricos e azulejos de bom desenho e côr ornamentam as paredes da sacristia. O teto é especialmente notável pela riqueza do desenho e pelo conjunto harmónico das côres berrantes que, no entanto, se casam admiravelmente.

A ascensão da Tôrre da Igreja do Colégio é difícil, pela má conservação dos últimos lanços de escada já apodrecida. Mas vale bem a pena a subida. Do alto gozamos em pleno o panorama do Funchal, pois a tôrre levanta-se no meio da cidade baixa.

A tarde, aproveitei-a para visitas de estudo aos museus da

cidade. O museu da secção de história natural do liceu possui alguns bons exemplares, embora mal preparados e mal conservados. Ali estudei, em especial, uma foca há anos apanhada na baía do Funchal.

O resto da tarde foi para a visita ao Museu Municipal, onde o aceio, o arrumo inteligente das coisas e a disposição perfeita e cuidada dos objectos expostos, me deixaram a melhor impressão. Já era tarde, e foi por amável deferência que me permitiram visitar o Museu. A secção de Ciências Naturais foi aquela que mais me prendeu a atenção. É boa a colecção de peixes, em especial a dos selácios, e existe um esplêndido e gigantesco exemplar de Foca com 2^m,70 de comprimento. Este exemplar, pertencente ao género *Monachus*, foi apanhado junto das Desertas. O preparador do Museu Municipal é um bom técnico e um artista. O Museu é dirigido com notável proficiência, pelo distinto naturalista e madeirense ilustre Sr. Adolfo Noronha.

A noite tinha para mim um especial interesse etnográfico. Havia romaria em Câmara de Lôbos. Festejava-se o *Domingo de Senhor*. Lá fui à festa. Nas visitas aos Museus entusiasmei-me, esqueci-me do tempo, e, quando dei por mim, já ia longe a hora que o meu simpático companheiro de viagem, e gentil cicerone da manhã, me tinha indicado como a mais conveniente, no caso de querer fazer-lhe companhia ao jantar. Que me perdôe o Rev. Padre Henriques esta falta, de que foram culpados os peixes, focas e outros animais empalhados, que entontecem os naturalistas. À tardinha, deixei o Museu e abalei para Câmara de Lôbos. O problema do jantar foi difícil de resolver. Estava já disposto a regressar ao Funchal quando à quinta ou sexta pessoa a quem pedi indicações de restaurante, barraca ou taberna onde pudesse comer alguma coisa, me informou de certo homem que vendia carne de vitela e assava *espetadas* da mesma. Não foi difícil dar com o homem que se instalara num portal ao lado dum grande

armazém que servia de garagem e onde também se vendia pão e vinho.

Cortada a posta de carne, e depois de pesada, foi logo partida aos bocadinhos, pouco maiores que bugalhos, e enfiados numa vara fina de castanho que servia de espêto. Pronta a enfiada de quási dois palmos de bocadinhos, estava pronta a *espetada*, assim se designa aquela roca de pedacinhos de carne, que, soube depois, constitue um manjar obrigado nas romarias da ilha. Uma esfregadela num monte de sal que fôra despejado em cima de vélha sarapilheira, e toca para a brasa. Dez minutos de lume, se tanto, e pronto, toca a comer.

Na romaria de Câmara de Lôbos não vi indumentária característica. A única coisa que neste capítulo me deu na vista foram as mantas brancas das mulheres, postas sem graça, com uma ponta caída para diante e a outra, depois de passar por baixo do queixo, atirada por cima do ombro, para trás.

O que me impressionou foi o enfeite da igreja. Muitas flores e um grande número de vasos de avenca e de begónias formavam um tufo compacto e mimoso a tôda a roda do altar do Santíssimo. O altar-mór era um tapêto gracioso de flores miúdinhas e dispostas com bom gôsto. Do teto da igreja pendiam candelabros de lâmpadas eléctricas, enfeitadas com verdura e com flores. Tôdas as paredes da igreja tinham de cima a baixo longas tiras da trepadeira de folhagem verde conhecida pelo nome de *alegra campo*. À roda dos altares, e cobrindo o gradeamento, tufos compactos de murta. Aqui e ali enfeites de mólhinhos de espigas de trigo. Num ou noutro ponto cachos de uvas, pendentes, de mistura com mais espigas de trigo.

Cá fora no arraial, três bandas de música sucediam-se, sem parança, na execução de estridente reportório em que a pancadaria dos pratos e do bombo predominavam, e, ao que parece, com satisfação dos romeiros, pois eu via-os oscilar em magote dum

coreto para o outro, à medida que as bandas se revezavam em seqüência ininterrupta.

Ao outro dia, era domingo, 2 de Agosto, fui de abalada até ao Ribeiro Frio.

O panorama que se disfruta dos Balcões é encantador. Lá longe, de quando em quando, numa aberta do nevoeiro, via-se o mar, logo para cá, a Rocha da Penha de Águia, e o Faial, e lá no fundo a Ribeira da Ametade e a Ribeira Sêca e a Feijam Grande do Cedro Gordo.

Em busca de isópodos e colhendo musgos e hepáticas segui pela levada até à Lapa dos Canários. Que magnífico passeio! A paisagem é estupenda de grandiosidade! A encosta rochosa, por vezes cortada a prumo, vestida na sua maior parte de vegetação luxuriante causa-nos uma impressão fantástica. Seguia sozinho, mas por vezes falava alto, não contendo o meu espanto.

A levada, rêgo fundo e largo por onde a água corre cantante, é, muitas vezes, cavada na rocha viva. Quando esta é cortada a prumo, a borda da levada com um escasso palmo de largura, por onde seguimos, fica sobranceira ao precipício. Nestas condições, seguir pela borda da levada é impressionante, e só possível a quem não tenha vertigens.

Ao outro dia passei a manhã no Museu Municipal. De tarde visitei o Museu do Seminário onde se conservam esplêndidas colecções de história natural, nomeadamente alguns exemplares de focas, apanhadas no mar da ilha, e uma preciosa colecção de isópodos terrestres da ilha, estudados pelo carcionologista italiano Arcangeli.

Ao Rev.^{mo} Padre Jaime de Gouveia Barreto, ilustre Director do Seminário do Funchal e naturalista distintíssimo, agradeço a maneira como me recebeu e a franqueza com que pôs à minha disposição, para estudo, as colecções do seu Museu.

Oxalá que um dia possa voltar à Madeira para estudar em especial as focas, que ainda vivem nas desertas, constituindo um resto, verdadeira colônia residual, das muitas focas que os nossos navegadores encontraram ao descobrir a Madeira. Diz Gaspar Frutuoso que João Gonçalves Zarco e os seus companheiros encontraram no local a que chamaram Câmara de Lôbos, « tantos lôbos marinhos que era espanto, e não foi pequeno refresco e passatempo para a gente, porque mataram muitos dêles e tiveram na matança muito prazer e festa ».

Na tarde dêste dia fiz uma pequena colheita de isópodos no Ribeiro de Santa Luzia, especialmente *Porcelio purpurescens*.

Ao outro dia, 4 de Agosto, embarquei no *Winchester Castle* com destino ao Cabo onde cheguei a 17.

Durante a viagem, à fôrça da solidão de mar e céu, os olhos, ávidos de terra, riscam o mar, esquadrinham o horizonte. Então se podem apreciar as curiosas manifestações da vida marinha. Prendem a nossa atenção fenómenos de fosforescência, baleias que passam ao longe, aves múltiplas que sobrevoam o navio ou a esteira espúmea que como branca estrada êle traça no mar. É digno de especial menção o infatigável albatroz que, de asas abertas, sem qualquer movimento perceptível das mesmas, em viragens cheias de graciosidade e de leveza, segue o navio durante horas sucessivas a muitas dezenas de milhas da costa. De quando em quando avistam-se peixes de várias formas e tamanho. Entre êles, os que mais nos encantam são os bandos de peixes voadores.

Na *Relação da viagem e que teve a nau S. Francisco no ano de 1556* escrita pelo Padre Gaspar Afonso, e que com outras faz parte da *História trágico-marítima de Frei Bernardo de Brito* (ed. de Lisboa, 1736), lê-se, a pág. 320, uma referência aos peixes voadores, tão perfeita na observação como no equilíbrio da descrição. Não resisto a transcrevê-la:

« Nestas feitas, que os peixes vão fazendo às Naos, são grandes figuras, os que chamão Voadores, que são de hum palmo, mayores e menores. Não tem mais que duas barbatanas, as quaes começando de junto à guêla, vão estendidas, cada uma por seu lado, do comprimento do mesmo peixe. E como todo o mar se achão passaros, que de diversas Ilhas que por elle se espalhão, quem os não conhece ainda, cuida que também estes o são. Couza he fermosa e aprazível ver arrancar hum bando destes fubitamente avante de proa, cuidando ser aquelle que dà sobre elles, o Leviatão que os vay tragar. Levavão de hum voo como dous tiros de pedra, ou tres, e tão altos que alguns nos cabião dentro na Nao cançados; como fazião também alguns passaros pelos matos, e antenas cuidando que pouzavão nos arvoredos de alguma Ilha, deixando-se tomar tanta innocencia sua, e obediencia aos homens, como lhes já tiverão em outro tempo ».

Um naturalista de hoje não hesitaria em subscrever a descrição que acabamos de ler.

Eram assim os portugueses gigantes do século glorioso de quinhentos. Uma cuidada preparação científica permitiu que muitos portugueses de então, em especial os padres, e destes, os da Companhia de Jesus, nos deixassem obras excelentes de geografia, de zoologia, de botânica, de antropologia e etnografia onde, por vezes com absoluto rigor científico se registaram os estudos feitos nos mares e nas terras que, logo descobertas, iam penetrando a pouco e pouco.

Depois de 13 dias e meio de viagem em pleno mar, é com especial agrado que se pisa a terra. Comigo ao menos assim sucedeu.

Cape Town

Na cidade do Cabo desembarquei, depois de duas semanas de viagem directa.

Aplanados os embaraços resultantes do facto de levar comigo uma espingarda caçadeira, de que fizera a respectiva declaração, deixei a alfândega. Procurei hotel e uma vez instalado dirigi-me ao consulado de Portugal, onde o nosso consul, Sr. Dr. José da Rocha Prista, sollicitamente me recebeu.

Ao princípio da tarde dêsse dia o nosso consul, que, durante a semana da minha estadia na cidade do Cabo, tive ensejo de verificar ali, gozava de grande prestígio, veio buscar-me no seu automóvel para me levar ao Museu onde me apresentou ao director do mesmo, Mr. Leonard Gill.

Fômos atenciosamente recebidos. Acompanhados por Mr. Gill fizemos uma rápida visita ao Museu, tendo o seu director, e nosso amável cicerone, ordenado que tôdas as facilidades me fôsem concedidas, permitindo que de tudo o que me interessasse, tirasse notas e fizesse desenhos e fotografias.

O Museu do Cabo, sem ser pròpriamente modelar, é contudo um excelente Museu. Compreende as secções de Zoologia, Mineralogia e Geologia, Paleontologia, Arqueologia e Etnografia. Esta última em organização.

Foi a colecção de Arqueologia aquela que mais prendeu a minha atenção. Ali trabalhei durante alguns dias. São notáveis as colecções de espécimes de pinturas e gravuras rupestres expostas no Museu e que tive ensejo de estudar cuidadosamente. Constitue um precioso material de estudo, e gentilmente foi posta à minha inteira disposição a esplêndida colectânea de reproduções de inúmeras pinturas rupestres da África do Sul, que a missão de Pro-

benius realizou e que o Museu do Cabo possui em arquivo, e algumas em exposição.

Fiz alguns desenhos, e sobretudo tirei fotografias, de gravuras (Vd. Est. V a VIII) e de algumas reproduções de pinturas (Vd. Est. II e III) que pela sua natureza mais me impressionaram, sendo particularmente interessantes as representações de serpentes (Vd. figs. 3, 4 e 5), que igualmente aparecem freqüentemente na arte rupestre da Península Ibérica e em especial no noroeste, isto é, no norte de Portugal e na Galiza. O culto ofiolátrico tem sido estudado por vários arqueólogos. É interessante o material que colhi no Museu do Cabo e que espero aproveitar um dia como achega para o estudo da dispersão do culto da serpente.

Na sala de etnografia, e como verdadeira preciosidade antropológica, podemos admirar esculturas em tamanho natural, de indivíduos da raça dos bochimanos do deserto de Kálahari e do Cabo (Cape bushmen), estes praticamente extintos.

Estas esculturas representam homens e mulheres em tamanho natural e em diferentes atitudes e ocupações. Foram cuidadosamente modeladas do natural pelo taxidermista do Museu (direct casts from the living people) que pelo trabalho realizado se afirma um verdadeiro artista.

Em companhia do Dr. Godwin, professor de antropologia da Universidade do Cabo, visitei as secções de Antropologia e Zoologia da Faculdade de Ciências.

No gabinete de trabalho do Prof. Godwin, e sôbre a sua mesa de trabalho, estendia-se o material escavado nos kjoekenmoedding de *Oakhurst-Georg* cujo estudo aquêl professor trazia entre mãos.

Verifiquei, e tive depois ensejo de o confirmar, que a investigação científica constitue uma das primaciais finalidades das universidades sul-africanas.

A secção de Zoologia é relativamente pobre. Mas ali como na Antropologia, trabalha-se, investiga-se. O Prof. H. Sandon que me mostrou as instalações, trabalha especialmente em protozoologia. A assistente Anne Stephenson, a quando da minha visita, organizava a colecção dos invertebrados marinhos duma sua colheita recente.

Visitei também a secção de Anatomia da Faculdade de Medicina que tem como director o Prof. Drenan, anatómico distintíssimo e não menos distinto arqueólogo. Ao percorrermos o seu Museu, se, com carinho, entusiasmo e interêsse, me mostrava uma peça anatómica curiosa por esta ou aquela particularidade, com não menos entusiasmo e igual interêsse chamava a minha atenção para um *coup-de-poing*, machado de pedra polida, ou outro instrumento arqueológico dos muitos que ali conserva.

Ao passarmos pelo seu gabinete mostrou-me entre o correio que acabara de receber um fascículo da revista anatómica portuguesa *Folia Anatomica Universitatis Conimbrigenensis*. Isto deu ensejo ao Prof. Drenan de me falar do labor dos anatómicos portugueses cuja obra conhecia bem, tendo feito as mais lisonjeiras e justas referências à obra do Prof. Dr. Joaquim Pires de Lima, um dos mais ilustres Mestres da minha Universidade, bem como dos Profs. Geraldino Brites, Maximino Correia e Henrique de Vilhena.

Não perdi o ensejo de visitar, embora rapidamente, Kirstenbosch, o Jardim Botânico Nacional da África do Sul. Kirstenbosch, com um curioso aspecto silvestre possui, no entanto, ricas colecções de plantas.

Durante os meses de inverno a parte de mais interêsse é constituída pelo jardim das Proteas. Foi ali onde mais me demorei, apreciando as grandes flores, belamente coloridas de algumas espécies então em floração.

O género *Protea* é o mais importante da família das Proteaceas sul-africanas. A maioria das espécies desta família é exclu-

siva da faixa costeira da província do Cabo, embora algumas poucas espécies se encontrem também no Natal e mais para o interior, no Transvaal.

As Próteas estão profusamente representadas em Kirstenbosch. Algumas delas, como, por exemplo, a *P. latifolia* e a *P. lanceolata*, atingem as dimensões duma árvore, embora no estado silvestre e em consequência das queimadas repetidas, raras vezes consigam atingir tal porte. *Protea cynaroides* pode dar copas apenas com cerca de 1 metro de circunferência. Algumas têm caules muito pequenos e subterrâneos como a *P. acaulis* e a *P. scabra*. Certas espécies apresentam copas com folhagem cor de rosa brilhante lindíssima. Algumas florescem já no fim do inverno, mas a quadra própria da sua floração é a primavera e então algumas espécies mostram-se-nos em florescência maciça, como, por exemplo, a *P. speciosa* e a *P. grandiceps*.

Vi também as famosas «silver trees», *Leucadendron argenteum*, igualmente confinadas à Península do Cabo e a alguns pontos restritos das montanhas vizinhas. Por fim dei uma rápida volta ao jardim das plantas carnudas próprias das regiões áridas ou desertas. O dia de muita chuva e forte ventania prejudicou a visita.

Na véspera da minha abalada para Johannesburg o nosso cônsul no Cabo, Dr. José da Rocha Prista, foi gentilíssimo, proporcionando-me uma excursão a Tulbagh, para visitar na encosta da serra Witzenbergen as pinturas rupestres ali existentes.

Passamos Belville, Paarl, Welington, Wolseley e tomamos a estrada de Tulbagh um pouco antes de chegar a Ceres.

Infelizmente o mau tempo, de chuva tempestuosa e nevoeiro, e, o que ainda foi pior, a ignorância do guia que tomamos numa herdade situada na base da Serra de Witzenbergen, foram circunstâncias que, somando-se, não permitiram que encontrássemos as pinturas, embora as tivéssemos procurado durante quasi duas

horas debaixo de chuva e com o monte todo molhado. Apanhamos uma boa estafa e uma molhadela mestra, infelizmente sem proveito.

Johannesburg

A viagem de combóio do Cabo para Johannesburg é enfadonha. São quasi 30 horas consecutivas de jornada.

A princípio, até cerca de 150 quilómetros do Cabo, a paisagem interessa. A linha férrea segue por vales de boas terras, com muitos vinhedos, herdades e pomares. Muitas das serras circundantes tinham os cimos coifados de neve.

Depois que se atinge o planalto interminável e árido, a paisagem é duma monotonia enfadonha e sonolenta.

Saímos do Cabo às 11 horas do dia 24 de Agosto; chegamos a Johannesburg à meia tarde do dia seguinte.

Mal cheguei ao hotel telefono para o consulado de Portugal. Chego à fala com o nosso cônsul que me informa só me poderia atender no caso de o procurar dentro de pouco, pois tinha de sair. Preciso de não perder tempo. Tomo um táxi e corro ao consulado. Foram solícitos em tomar conta da minha papelada e pôr-lhe o respectivo visto. Entretanto o nosso cônsul, depois de lhe dizer ao que ia, declara-me que estava apenas há um ano em Johannesburg; contudo, se eu assim quisesse, poderia acompanhar-me às entidades com quem desejasse avistar-me. É consul de Portugal em Johannesburg o Sr. Ayala Monteiro.

Não devendo distrair das outras obrigações oficiais o digno representante consular de Portugal, resolvi desde logo dirigir-me sozinho ao Prof. Dart, cujos serviços desejava visitar, dando como apresentação a minha qualidade de Assistente do Profes-

sor Mendes Corrêa, que, depois verifiquei, foi o suficiente para aquêle distinto professor e director da Faculdade de Medicina me receber prontamente, dispensando-me atenções que não esquecerei.

Do consulado regresso a pé ao hotel. Ao seguir pela Market Street deparo com um sumptuoso edificio (Est. IX, fig. 13) cujo frontispício estava encimado pela legenda LIBRI THESAURUS ANIMI. Entro. Além da Biblioteca, ali se encontram instalados o Museu de Mineralogia e Geologia, que é excelente, e no último andar um Museu de História.

Cinquenta anos é nada na vida dum povo.

Numa vitrina ao fundo, instrumental e objectos que pertenceram a Livingstone. A-par-disso coisas como esta: Uma rodela de árvore com o seguinte letreiro: «Section of the tree under wich Livingstone was burried in Central Africa». Mais outro pedaço de tronco de árvore debaixo da qual Stanley encontrou Livingstone em Ujiji em 1871. Um pedacito de turfa de Victoria Falls embrulhado num papelito com dizeres escritos pelo punho de Livingstone.

Noutras vitrinas, cartas, livros, papéis e outras pequenas coisas de variadíssimos e mais ou menos desconhecidos viajantes, uns missionários, outros leigos. Nada dos nossos portugueses Capelo e Ivens ou Serpa Pinto.

Em dada altura o contínuo do Museu aborda-me e declara-me, o que de-veras me espantou, que não é permitido tirar notas, apontamentos ou desenhos sem uma licença especial do Director.

No dia seguinte, procurei o Prof. Dart que, mal soube que estava ali um assistente do Prof. Mendes Corrêa, me recebeu imediatamente, convidando-me a seguir para lanchar consigo no seu gabinete. Conversámos durante mais duma hora. O Prof. Dart não escondeu o seu entusiasmo pela resolução tomada pelo

governo português de enviar missões de estudo às nossas colónias e em especial pela missão de estudos antropológicos e arqueológicos de que eu ia incumbido. Mostrou-me o Museu e as instalações da secção de Anatomia que proficientemente dirige. Não só pôs à minha disposição, para estudo, todo o material exposto, como também destacou um dos seus assistentes, Mr. Lawrence Wells, para me auxiliar. Trabalhei dois dias nos serviços do Prof. Dart.

Visitei depois a secção de Arqueologia dirigida pelo Prof. Riet Lowe que possui uma riquíssima colecção de instrumentos líticos.

O Prof. Riet Lowe ofereceu-me para o Museu Antropológico um lindo exemplar de *coup-de-poing* da interessante cultura lítica sul-africana de Stellenbosch de Vaal River.

Ao visitar a grande sala de leitura da Biblioteca da Universidade deparou com um grande quadro representando a partida de Vasco da Gama para o Cabo (!). Havia pouco que este quadro tinha sido descerrado, o que deu ensejo a manifestações de simpatia a Portugal por parte das autoridades oficiais e universitárias de Johannesburg.

Em 28 de Agosto deixo Johannesburg e sigo para Pretória. Não poderei esquecer as atenções que fiquei devendo ao nosso vice-cônsul Sr. José Ferreira que é também o Agente Oficial dos Caminhos de Ferro e dos Portos de Moçambique. Sua Ex.^a que vive em Johannesburg há muitos anos, ali disfruta de notável prestígio e consideração.

Em Pretória, onde me esperava a acolhedora e simpática afabilidade do nosso vice-cônsul Mr. de Wagenaere, que fôra avisado da minha chegada pelo Sr. José Ferreira, visitei as instalações do esplêndido Museu de História Natural, em companhia do Director do mesmo e de Mr. Wagenaere.

O Museu de Pretória está passando por uma transformação profunda. As secções de Zoologia, Botânica, Mineralogia e Geo-

logia já estão instaladas no novo e sumptuoso edifício há pouco construído (Est. IX, fig. 14). O velho Museu junto do Jardim Zoológico conserva apenas as secções de Etnografia, Arte, História e Arqueologia. Nesta última é verdadeiramente notável a preciosa colecção de gravuras rupestres quasi tôdas abertas sobre rocha dura basáltica.

Os blocos de rocha com gravuras (Est. X, fig. 15) estão dispostos sobre areia, em cima de grandes mesas-tabeleiros. É interessante registrar que a-pesar-de estes documentos arqueológicos estarem, por assim dizer, à mão de semear, ninguém lhes toca. Isto é, sem dúvida, um índice demonstrativo da cultura cívica da população transvaliana, seguramente reflexo da influência anglo-saxónica.

A colecção de gravuras é muito rica. Predominam as representações zoomórficas e, entre elas, a primeira plana pertence aos mamíferos. São especialmente notáveis uma gravura de mamute (?) e duas de mastodontes, proboscídeos gigantes extintos há milhares de anos. Dada a natureza e a verdade do desenho, é de crer que o artista tivesse observado os animais que desenhou, o que vem atestar a grande antiguidade destes valiosos documentos pre-históricos.

Há ainda gravuras doutros animais extintos, como por exemplo do búfalo gigante, de longos cornos, suposto antecessor do búfalo actual. Há também várias gravuras de Quaga, a zebra de montanha, hoje praticamente extinta, bem como magníficas gravuras de Elans, e uma esplêndida gravura dum javali na carreira, que é dum belo realismo. Outras gravuras de mamíferos, de aves e uma dum peixe, completam a colecção zoomórfica. São menos numerosos os sinais simbólicos mais ou menos estilizados.

Os espécimes de pinturas rupestres são poucos e bastante alterados. Há a avultar porém uma pequena pedra com 5 exem-

plares de saltões, gafanhotos juvenis, ainda sem asas. O naturalista do Museu, que nos acompanhava na visita, em face da perfeição da pintura declarou que podia classificar-se a espécie a que pertenciam aquêles insectos, afirmando dever tratar-se de larvas de *Locustana pardalina*.

Dignas também de especial menção são as pinturas de figuras humanas estilizadas duma outra pedra proveniente das margens do Limpopo transvaliano.

Uma das visitas obrigatórias para quem vai a Pretória é a casa que foi de Paul Krugger, agora transformada em Museu.

O que nem todos terão é a sorte de ter como guia gentilíssimo e culto cicerone, o vice-consul de Portugal Mr. de Wage-naere, que logo de entrada, na sala de recepção onde está o livro dos visitantes, me informa.

—Foi aqui, nesta sala, que Mousinho de Albuquerque foi recebido por Krugger. E acrescentou sorridente e com natural satisfação: — Eu servi-lhe de intérprete.

Fui apresentar cumprimentos ao nosso ilustre encarregado de negócios, ali residente, Dr. A. Fernandes, tendo ensejo de apreciar as notáveis qualidades de simpatia e distinção que Sua Ex.^a possui e que lhe permitem desempenhar com superioridade e inteligência a missão de nosso representante junto da União Sul-Africana.

Lourenço Marques

Na noite de 29 de Agosto tomo o combóio para Lourenço Marques. No dia imediato ao da chegada fui recebido pelo Sr. Governador Dr. Nunes de Oliveira, a quem expus o plano dos meus tra-

balhos na missão de que ia encarregado, tendo tratado de alguns assuntos que com ela se prendiam directamente.

Durante os 5 dias que me demorei na linda cidade de Lourenço Marques trabalhei no Museu Provincial de Álvaro de Castro.

Seja-me permitido que neste momento realce com a merecida justiça, não só a boa organização do Museu, mas também, e muito principalmente, a excelência da colecção zoológica, que, em qualidade, é muito superior às que vi nos Museus do Cabo e de Pretória.

Fundado em 1913 e a princípio instalado deficientemente, o Museu foi, há alguns anos, transferido para o actual edifício (Est. XII, fig. 18), que começa a ser pequeno para as numerosas e excelentes colecções ali existentes. É necessário proceder a obras de ampliação, bem fáceis por sinal, a-fim-de uma melhor disposição valorizar os exemplares expostos.

O Museu possui secções de mamíferos, aves, répteis, insectos, animais marinhos, fósseis, minerais e rochas, produtos florestais e etnografia. Na secção de arqueologia, ainda em comêço, está exposta uma curiosa série de peças encontradas nas ruínas moçambicanas de Niamara, há anos exploradas pelo alemão Wierschhoff. Há ainda uma sala onde se conservam alguns objectos históricos.

Alguns exemplares da colecção entomológica são valiosos pela sua raridade. Os coraliários figuram no Museu em quantidade apreciável e estão classificados por um especialista da Universidade de Johannesburg. Mas, se estas e outras colecções são valiosas, verdadeiramente notável é a colecção de mamíferos e de aves, não só pela natureza dos exemplares, como também pela maneira como os mesmos estão montados.

No Museu há um enorme exemplar de elefante. Um búfalo de respeito e um esqueleto de hipopótamo são os maiores que até à data se conhecem naquela nossa colónia. Mas o que mais nos impressiona é sobretudo a maneira como os animais estão mon-

tados, em grupos cheios de vida, no seu meio próprio e em atitudes dum realismo flagrante.

Um grupo de leões banquetecendo-se com uma girafa meio esfacelada é cheio de verdade. Uma luta entre um porco selvagem e um leopardo está fixada numa atitude expressiva e cheia de movimento. Um duelo encarniçado entre dois cocones para a posse da fêmea que, ao desenrolar da luta, assiste impassível, disposta a entregar-se ao vencedor, é verdadeiramente notável.

Podia citar outros belos grupos em que há, não só interesse zoológico, mas também, valor artístico. Não quero deixar de referir ainda o grupo das gaivotas, cheio de harmonia, e o dos albatrozes que é notável pela concepção e pela realização.

Oxalá que as obras de ampliação do Museu não se façam esperar. É necessário dar-lhe instalações que permitam pôr o nosso Museu Provincial nesse ponto de vista, a par dos Museus da África do Sul.

Tive ensejo de visitar os Museus do Cabo, Johannesburg e Pretória que são, sem dúvida, muito bons, especialmente o primeiro e o último. Pois o nosso Museu de Lourenço Marques, pelas suas colecções de aves e mamíferos, pode pôr-se em paralelo com aquêles referidos Museus, visto que é superior a qualquer dêles.

À grande obra realizada no Museu não deve ser estranha a Direcção inteligente do mesmo. Porém, tal obra é muito especialmente resultante dos conhecimentos técnicos do taxidermista do Museu, A. Peão Lopes, português e portuense, que além de técnico muito sabedor, é também um artista.

O Museu é muito visitado por nacionais e estrangeiros. Só durante o mês de Julho de 1936 figuram no livro dos visitantes 3:150 assinaturas. Folheando-o, respiguei algumas impressões ali escritas. F. C. Robertson, jornalista de Johannesburg: «An exemple for the Union to follow». De Mr. L. Alexander, Direktor

(não diz de quê) também de Johannesburg, lê-se: «We should have an exhibition like this in South Africa».

Na verdade eu também não vi nos grandes Museus da África do Sul, nada que se lhe pudesse comparar.

Alice Guibon, escritora francesa, exprimiu a sua opinião nos termos seguintes: «Connaissant à peu près toutes les parties du monde je n'ai jamais vu un Musée zoologique, si riche, si vivant, si supérieurement organisé. Félicitations ferventes au fondateur».

Termino formulando o desejo de que as obras de ampliação se não façam esperar, de modo a que, não só por uma mais justa distribuição, se valorizem as colecções existentes, mas também se possa ampliar cada uma das secções. O Museu Provincial de Álvaro de Castro pode, e deve, vir a ser um grande Museu, e constituir um óptimo centro de estudos para os naturalistas portugueses bem como fornecer exemplares para os museus da metrópole.

Em 4 de Setembro, a-fim-de prosseguir na minha viagem de estudo no Transvaal e na Rodésia, regresso a Johannesburg. Por gentilíssimo convite do Sr. Governador Dr. Nunes de Oliveira, segui no combóio especial que transportava Sua Ex.^a, e a sua comitiva, para a Conferência dos Transportes a realizar em Johannesburg na semana que antecedia a abertura da Exposição do Império Britânico a inaugurar em 15 de Setembro.

Sterkfontein Caves

No meu regresso a Johannesburg fui visitar as cavernas de Sterkfontein (Ests. XIII e XIV, figs. 19 e 20), perto de Krugersdorp, quasi a meio do caminho de Johannesburg a Pretória. Proporcionou-me êsse passeio a espôsa do nosso vice-consul Sr. José

Ferreira que ali me conduziu no seu automóvel, em companhia dum filho que frequenta a Faculdade de Medicina da Universidade de Witevaterserand, e de mais dois rapazes portugueses que frequentam ali escolas superiores.

As cavernas de Sterkfontein notabilizaram-se por o Dr. Broom nelas ter descoberto, havia poucas semanas, os restos dum novo antropóide fóssil, a que a imprensa diária da União Sul-Africana fizera referência circunstanciada, em notícias encabeçadas por estes dizeres sugestivos: *New ape-man*.

Trata-se dum notável documento páleo-anropológico, que, ao que parece, constitue mais um elo da passagem entre o homem e os antropóides.

Próximo do célebre *Australopithecus* de Taungs, que fôra estudado pelo Prof. Dart, os achados recentes foram classificados pelo Dr. Broom como pertencendo a uma nova espécie, *Australopithecus transvaliensis*, antropóide que tem afinidades com aquêlo que foi estudado pelo Prof. Dart, mas já mais humanóide, isto é, mais próximo do homem. Além doutras características que o individualizam, devemos acentuar a maior riqueza das circunvoluções do encéfalo dêste novo *ape-man*.

O achado é ainda notável por ter sido possível exumar o esqueleto, se não completo, pelo menos com a maioria dos ossos, o que permitirá realizar um estudo bastante completo sobre o tipo físico daquele antepassado do homem.

Nos dias que me demorei em Johannesburg voltei a trabalhar nos serviços do Prof. Dart. Ali conversei com o assistente Dr. Jones que me mostrou alguns restos encontrados em Sterkfontein Caves na mesma assentada do novo *Australopithecus*, a saber: do *Equus capensis*, de carnívoros, de antílope, de roedores, de numerosos primatas, entre os quais um género e duas espécies novas, e um crânio bastante completo de babuíno muito primitivo.

Dentre os restos fósseis que me mostrou o Dr. Jones, um

dêles era um encéfalo tão bem fossilizado, que se lhe distinguiam perfeitamente desenhadas em relêvo as artérias e as veias do cortex.

A caminho da Rodésia

Em 10 de Setembro, precisamente a 5 dias da abertura da Exposição do Império Britânico, abalei para o norte. Tive pena de não assistir à inauguração da Exposição e de não visitar a mesma, mas, dada a minha tão tardia abalada de Portugal, era preciso ganhar tempo.

Deixei Johannesburg ao anoitecer do dia 10 e na manhã do dia 12 cheguei a Bulawayo.

Bulawayo

Só à tardinha é que o combóio seguia para Victoria Falls. Tinha portanto diante de mim umas horas. Aproveitei-as para estudar no pequeno, mas bem organizado, Museu de Bulawayo, bem como para visitar a Biblioteca Pública que lhe fica quasi em frente.

A secção de Zoologia do Museu reparte-se por três salas. Uma das aves, outra dos mamíferos e uma terceira para peixes, répteis, batráquios e invertebrados.

A colecção dos mamíferos é, seguramente, a melhor. Salientarei um interessante exemplar de antílope *Syvicapra grimia* L., n. v. *Duiker*, portador de albinismo total, com olhos róseos, chifres claros e transparentes, pelagem totalmente branca e unhas bran-

cas também. Além doutros indivíduos de espécies raras ou quase extintas, ali se vê um belo exemplar de fêmea do gorila de montanha *Gorilla Beringeri* Matschie (uma das três espécies conhecidas de *Gorila*), hoje confinada às regiões de Virunga e Mfumbiro, norte de Lake Kivu, onde vive em bandos nas florestas de bambus que cobrem parte das serras vulcânicas de Virunga, de 2:500 a 3:000 metros de altitude.

A secção de Geologia é, como compete a um país essencialmente mineiro, bastante cuidada. Não só ali se expõem grande número de rochas e de minerais, como também muitas cartas e demonstrativos modelos em relêvo.

A sala de Etnografia, sem ser rica, possui uma interessante colecção de cerâmica bantú moderna, além de muitos instrumentos, armas, artefactos e objectos de uso corrente dos indígenas.

A visita à sala de Arqueologia constituiu para mim uma grande lição. É perfeita a exposição das colecções, criteriosamente escolhidas as diferentes peças, e dispostas de forma tal, que a lição é flagrante e proveitosa.

Durante a visita conversei com o Director do Museu, Dr. Georg Arnold, entomologista notável, que lamentava não haver um mais profundo conhecimento da entomologia da nossa colónia de Moçambique. Manifestou sincero entusiasmo quando lhe disse que o Governo português ia enviar no ano próximo duas missões, uma de zoologia e outra de botânica à nossa colónia de Angola e que certamente êsses estudos teriam continuidade, estendendo-se depois à colónia de Moçambique.

Victoria Falls

Deixei Bulawayo ao fim da tarde do dia 12 de Setembro para chegar a Victoria Falls na manhã do dia seguinte.

As quedas de Victoria, em que o rio Zambeze se despenha ruidosamente de grande altura, são, na verdade, dignas de se ver. De longe ouve-se o ruído surdo da catarata, e vê-se por cima da mancha verde da folhagem uma neblina vaporosa, semelhante ao fumo que, nas nossas aldeias, se evola dos casais longínquos ao findar das tardes nostálgicas de outono.

Quando se chega junto da cachoeira a impressão é mais profunda.

É como se, por milagre, um pedaço de céu rolasse pela borda hiante dêste precipício escancarado. No fundo, a água, espumante e rugidora, transforma-se em nuvens vaporosas duma brancura encantadora, que vêm cá em cima desfazer-se em chuva.

Segui a beira da catarata pela margem esquerda. Do outro lado da ponte, a caminho do *War Memorial*, vi, por acaso, no chão, uma peçazita de sílex que me chamou a atenção. É um pequenino raspador com o bôrdô arredondado e retocado a pequenas lascas. Procuro mais e encontrei uma boa dúzia de lindas peças de mistura com pedaços grosseiros de sílex, de talhe fruste, dando, à primeira vista, a impressão de eólitos. Todo o tempo de que pude dispor foi para catar a superfície das margens da catarata (Est. XV, figs. 21 e 22), onde fiz uma bela colheita de instrumentos de sílex e de quartzo, que agora fazem parte das colecções de pre-história do Museu Antropológico da Faculdade de Ciências da Universidade do Pôrto.

Regresso a Bulawayo, Matopo e Zimbaué

A 16 de Setembro sigo de Victoria Falls para Fort Victoria e Zimbaué. Como o combóio chegou a Bulawayo ao amanhecer do dia 17 e a ligação para Fort Victoria era só ao princípio da tarde, tinha diante de mim uma manhã, que aproveitei para visitar as pinturas rupestres de *Pomongave Cave*, não longe de Matopo's Hill. O abrigo de *Pomongave Cave* é excelente. Porém as pinturas foram em grande parte destruídas. As que restam, e no propósito de as tornar mais patentes, foram recobertas com verniz ou qualquer produto semelhante formando manchas desagradáveis às paredes do abrigo. No regresso de *Pomongave Cave* fui de novo trabalhar para o Museu. Desta vez ali encontrei o conservador da secção de pre-história Mr. Neville Jones que, não só me mostrou tôdas as colecções de instrumentos líticos em arquivo, mas também me ofereceu para o Museu da minha Universidade uma pequena colecção de espécimes de algumas estações pre-históricas da Rodésia.

Ao princípio da tarde tomo o combóio para Fort Victoria a caminho de Zimbaué, onde cheguei na madrugada do dia 17 de Setembro.

Eram seis horas da manhã quando entrei no templo elítico. Todo o dia foi pouco para examinar cuidadosamente aquelas tão discutidas ruínas.

«UNREVEALED TREREIN LIES THE FASCINATION».

São estas as primeiras palavras dum trabalho que sôbre as ruínas de Zimbaué escreveu Mr. Wallace, conservador das mesmas, que há 22 anos ali dirige os trabalhos de conservação e de restauro.

Na verdade assim é. O enigma persiste.

A despeito das fortes controvérsias que há já quasi três quartos de século se têm desencadeado em tórno de Zimbaué, ainda hoje a sua origem é um problema a resolver. As mais variadas datas têm sido atribuídas à sua construção, sendo esta, consoante os autores, atribuída aos Fenícios, Cartagineses, Persas, Gregos, Índios, Chineses e Bantús.

A origem e a significação do próprio nome de Zimbaué ou Zimbabué, tem sido também largamente debatida. Segundo uns, êste nome deriva de *Dzimba-bge*, que, por sua vez, resulta das palavras *imba*, uma casa (plural *dzimba*) e *bge*, uma pedra, ou literalmente, casas de pedra.

Dzimba-bge é uma palavra indígena pertencente à língua *chikaranga*.

Parece porém que a verdadeira significação de Zimbaué ou Zimbabué, é *côrte*, pois assim se designava todo o lugar onde morava o rei.

Esta acepção é confirmada por vários autores portugueses do período áureo das descobertas e das conquistas. O português ilustre e culto que foi o Dr. Lacerda e Almeida, Governador dos Rios de Sena e chefe da primeira tentativa de travessia da África, no diário desta viagem, últimamente publicado pelo Ministério das Colónias, várias vezes se refere ao *Zimboé* do rei Cazembe, quando fala do local da residência do grande chefe indígena.

Ao Prof. Dr. Mendes Corrêa cabe a honra de relembrar, entre os nossos contemporâneos, que, muito antes de Adam Renders (1867-68), dado como descobridor das ruínas de Zimbaué, já os portugueses gigantes do glorioso século de Quinhentos tinham tido conhecimento directo daquelas ruínas, João de Barros, na 1.^a Década (1552) dá-nos delas uma sugestiva descrição. «Ora, ali, no meio do campo, está—escrevia Barros—uma fortaleza quadrada tôda de cantaria de dentro e de fora mui bem lavrada, de pedras de maravilhosa gran-

deza, sem aparecer cal nas juntas delas...». O nosso autor indica as respectivas dimensões e acrescenta: «sobre a porta do qual edifício está um letreiro que alguns Mouros mercadores que ali foram ter, homens doutos, não souberam ler nem dizer que letra era: e quási em tórno dêste edifício em alguns outeiros estão outros à maneira dêle no lavramento de pedraria e sem cal, em que há uma tórre de mais de doze braças. A todos estes edificios os da terra lhe chamam Symbaoe que acêrca dêles quere dizer côrte, porque a todo o lugar onde está Benomotapa, chamam assim...»

«Quando ou por quem estes edificios foram feitos,—continua o autor das Décadas,—como a gente da terra não tem letras não há entrê êles memória disso, sòmente dizem que é obra do diabo...»

São muitas as dúvidas e complexos os problemas a resolver no que diz respeito à cronologia e ao próprio significado das ruínas de Zimbaué. O que é certo é que para erigir o que hoje se admira em Zimbaué foi necessária uma excepcional perícia, uma grande concentração e engenho, incalculável paciência e uma longa continuidade de esforços, especialmente se atendermos a que as pequenas pedras de granito das construções estão assentes sem interposição de qualquer argamassa ou cimento (Est. XVII, fig. 25).

Estas afirmações são feitas pelo conservador das ruínas, Mr. Wallace, com a autoridade que lhe conferem mais de 20 anos de permanência em Zimbaué, com o encargo de fazer o seu estudo e restauração.

Se pensarmos no trabalho dispendido para arrancar o granito e afeiçoá-lo naquela infinidade de pequenos blocos de secção rectangular, que se vêem nas torres circulares, nas muralhas, passagens, degraus, etc., podemos imaginar a grande quantidade de energia e de tempo que foi necessário dispendir para a reali-

zação de tal obra. Só o granito dos blocos da muralha exterior do templo elítico é calculado em cêrca de 100:000 toneladas. Não se conhece à volta de Zimbaué qualquer sítio que pelo desmonte da rocha e pelas esquirolas ou lascas, que necessariamente deviam existir, corresponda à pedreira explorada para a extracção da enorme quantidade de granito que ainda hoje vêmos nas ruínas de Zimbaué.

Ignora-se quem teriam sido os construtores de Zimbaué como se desconhece também a finalidade daquela construção.

O templo elítico, com fortes muralhas (Est. XVI, figs. 23 e 24) dá-nos uma impressão de robusta construção defensiva. Em contraste flagrante com esta primeira impressão estão as aberturas, frestas ou portas, fendas abertas de cima a baixo nas muralhas (Est. XVI, fig. 25), o que é, sem dúvida, tudo quanto há de menos concorde com uma boa condição de defesa. As tórres cónicas, uma das curiosidades mais interessantes de Zimbaué, ficam junto da face interna da muralha para o lado do Sul: uma é muito maior que a outra, e a maior parte dos autores atribue-lhes um simbolismo fálico.

A tórre maior é pilar cónico com cêrca de 9 m. de altura e com 57 pés (cêrca de 17 m. e meio) de circunferência. As proporções relativas das duas tórres são de-veras curiosas, prestam-se a interessantes considerações, e fornecem-nos elementos para a interpretação da maneira de ser de algumas partes das construções de Zimbaué.

Na verdade o diâmetro da tórre maior parece representar a unidade de medida que serviu para a construção das curvas da muralha exterior do templo, bem como a outras construções, não só do templo de Zimbaué, como mesmo doutras ruínas da Mashonalandia no género das de Zimbaué.

O diâmetro da tórre maior na sua base é de 17,17 pés (cêrca de 5,25 m.) ou 10 cúbitos (antiga medida inglêsa), o que é preci-

samente igual à circunferência da tórre menor. A relação da circunferência para o diâmetro e bem assim a referida medida de 10 cúbitos, constituem os elementos com os quais se pode determinar os raios e os diâmetros de tôdas as curvas circulares, segundo os quais os muros foram construídos.

Por exemplo, o raio da curva que a muralha descreve por trás da tórre é de 169 pés e $\frac{1}{3}$, o que é igual ao produto do diâmetro da tórre maior pelo quadrado da relação da circunferência para o diâmetro, ou seja $17,17 \times 3,14^2 = 169,34$. O diâmetro dum recinto ou cêrca, de parede cuidada, situado a nordeste da tórre, é de 54 pés, o que é igual a $17,17 \times 3,14$. A curvatura da muralha na extremidade do recinto sagrado ou templo, é circular, tem o seu centro no altar, e sendo o raio de 107 pés e $\frac{4}{5}$, o que é igual a duas vezes $17,17 \times 3,14$.

Êste comprimento de 107 pés e $\frac{4}{5}$, é também a exacta distância entre os pontos médios da entrada das duas portas dum ao outro lado do recinto sagrado. Podíamos ainda alongar esta série de factos com os quais se procura demonstrar que as duas tórres ou pilares cónicos de Zimbaué foram construídas obedecendo a uma forma e dimensões matematicamente calculadas à maneira do que succede com algumas das pirâmides do Egipto, nomeadamente a grande pirâmide ou de Keops.

A acrópole (Est. XVIII, fig. 26), cidadela de carácter labiríntico, a cêrca de 100 metros de desnível, alcandorada no cimo fraguento dum cabeça sobranceiro, mais vem complicar o problema. As *valley ruins* que numa área de algumas centenas de metros quadrados se estendem logo à parte de fora do templo, e na direcção da acrópole, constituem outro problema. São muros, de factura menos cuidada que os do templo e mesmo que os da acrópole, a vedarem múltiplos espaços mais ou menos regulares com 15 e 20 metros de comprido por 7 e 8 de largo, o que lhes confere dimensões demasiado grandes para se admitir que êsses

espaços correspondam a ruínas de habitações. Aquêles muros, talvez posteriores ao templo e à acrópole, não parece que sejam restos de casas. A explicação para tais ruínas é difícil, a não ser que Zimbaué fôsse, por assim dizer, uma verdadeira Meca indígena, e então cada um daqueles recintos tivesse sido destinado ao acampamento da gente duma tribo ou aldeia que ali viesse em peregrinação.

Mr. Wallace, com quem conversei, informou-me que todos os anos as ruínas de Zimbaué são visitadas por grande número de indígenas, sem contudo se poder conferir a estas romagens um sentido religioso claramente definido.

A hipótese de local de moradia na acrópole, ao menos no género que seria de esperar naquela construção de tipo castrejo, é a menos lógica que se pode imaginar. Tudo cheio de passagens e vielinhas estreitas e tortuosas, ao que parece num propósito labiríntico.

Até hoje o mistério de Zimbaué está por aclarar.

Aquela construção pode ter sido usada como um depósito de escravos, como depósito de ouro e marfim, antes de ser despachado para a costa, ou ainda como um *Dakmas*, isto é, uma construção feita especialmente para expor os mortos, que seriam devorados pelas aves de rapina. Esta última hipótese é relacionada com as *stone birds*, colunas de pedra com metro e meio a dois metros de altura, tendo no cimo esculpida uma ave de rapina do género «Vultur» em atitude de repouso.

Estes e outros muitos problemas continuam em suspenso. Mr. Wallace, conservador das ruínas, ao terminar o prólogo duma sua publicação intitulada *Zimbabwe. The mysterious Southern Rhodesian Ruins*, diz: «Nothing can be said with certainty. We do not know».

Na verdade assim é. Nada se sabe de seguro quanto à origem, significado e utilização das grandiosas construções de Zimbaué.

Salisbury—Museu—Pinturas rupestres

A 19 de Setembro, um sábado, cheguei, manhã cedo, a Salisbury, a linda e airosa capital da Rodésia do Sul.

A meio da manhã fui ao consulado de Portugal, onde o nosso cônsul, Major Oliveira Pinto, me recebeu, prestando-me amavelmente todos os esclarecimentos solicitados. Nessa ocasião me foi apresentado o compatriota Raúl Tomaz da Veiga Frade, filho do Capitão-Tenente Raúl Nunes Frade, Director da Exploração Comercial do Pôrto da Beira. Êste excelente moço, de pouco mais de 20 anos, foi, durante os dias que passei em Salisbury, o meu cicerone, e meu companheiro nas visitas de estudo que fiz aos abrigos com pinturas de Marandelas e Haedlands. Não posso esquecer também as atenções que comigo teve o Sr. José Carvalho, secretário da Curadoria dos Indígenas em Salisbury.

Após a visita ao consulado, aproveitei o resto da manhã para visitar o Museu que está instalado no mesmo edifício da biblioteca pública.

Esta ocupa o rés-do-chão. No primeiro andar duas salas são destinadas à Zoologia e uma terceira à Arqueologia. Nesta secção cumpre salientar uma boa série de Zimbaué e algumas reproduções das pinturas rupestres dos abrigos à roda de Salisbury. De tarde, como era sábado, o Museu não abria. Destinei por isso ir visitar o Rev.^o Stableton S. J., do St. Georg's School e ver a colecção de pre-história organizada por aquêlê erudito reverendo.

Desta colecção me falara em Johannesburg o Prof. Dart. Infelizmente o Padre Stableton não estava, nem chegou enquanto o esperamos. Nessa ocasião conversei com 3 rapazes portugueses alunos do St. Georg's School. Bastantes jovens portugueses da

nossa colónia de Moçambique vêm para a Rodésia ou para o Transvaal frequentar a Universidade e outras escolas oficiais.

Domingo, 20 de Setembro, foi um dia morto, cortado no entanto pelo agradável passeio ao campo de aviação onde fui, bem como outros portugueses residentes em Salisbury, a-fim-de cumprimentar o Sr. Coronel Lopes Mateus, Governador Geral de Angola, que, com os seus ajudantes, regressava ao govêrno da África Ocidental Portuguesa, depois de ter tomado parte nos trabalhos da Conferência dos Transportes, celebrada naquela ocasião em Johannesburg.

Nos dois dias imediatos e na amável companhia de Veiga Frade, visitei os abrigos com pinturas à roda de Marandelas. Em Rusawi School, Mr. J. L. Carver, arqueólogo e professor daquela escola, recebeu-nos amavelmente, mostrou-nos o seu pequenino Museu e acompanhou-nos na visita a dois abrigos próximos. Tive ensejo de visitar mais 5, com que não foi difícil dar em virtude do particular arranjo de fractura ou da especial desagregação dos blocos de granito que oferecem óptimas condições para a conservação das pinturas.

Nos abrigos junto de Rusawi School (Ests. XX a XXV) encontram-se muitas pinturas de animais, tais como antílopes, elefantes, bovídeos, etc., e um grande número de figuras humanas quasi tôdas de estilização muito acentuada. São os conhecidos homens mosquitos da arte rupestre sul-africana. Num dos abrigos vêem-se homens armados de arco e flechas (fig. 31), representando o conjunto certamente uma cena de caça. A côr dominante das pinturas é o vermelho, em várias gradações, aparecendo também, embora em muito menor proporção, pinturas a branco e a amarelo.

Entre Marandelas e Haedlands visitei um outro abrigo que fica a cêrca de 200 metros à direita da estrada (Est. XXVI, fig. 36). É um amontoado de blocos onde sobressai um grande penedo de granito, com uma superfície de desagregação que forma um encon-

chado (fig. 37) de tal modo disposto que está defendido da acção das águas das chuvas. No conjunto pictográfico ressaí um grupo central de 9 animais pintados a vermelho, 5 dos quais estão especialmente bem conservados (Est. XXVII, fig. 38). O abrigo tem sido vandalizado. É disso prova o picado a cinzel ou picão em algumas daquelas figurações zoomórficas. No conjunto, predomina a cor vermelha. Algumas figuras humanas estão pintadas de amarelo. Ali se pode ver também um belo touro pintado de amarelo dourado. Há várias sobreposições.

Num outro dia fui ver as pinturas da Farm Glen-Norah (Beatrice-Road) que são do mesmo género das que vira em Marandelas (Est. XXVIII).

Na tarde deste dia fui convidado para o *coktail-party* que o Sr. Governador da Rodésia, Mr. Stanley, oferecia no seu palácio (Gouvernement House) em honra do Sr. Almirante Magalhães Correia, ilustre Governador da Companhia de Moçambique, que com sua esposa e filha eram seus hóspedes.

Nessa ocasião conversei com Mr. Stanley, que manifestou o mais vivo interesse pela campanha de estudos que ia realizar em Tete por encargo do Governo do meu país.

Tete

No dia 24 de Setembro, pelas 8 horas da manhã, abalei de Salisbury no caminho que faz a carreira semanal para o Nyassaland (Blantyre), com passagem por Tete.

Chegámos a Tete depois das 22 horas. Confesso que foi com uma agradável sensação de alívio que deixei o caminho, pois soube, a meio da jornada, que entre a abundante carga que atulhava completamente o carro havia uma caixa de dinamite e um pacote com fulminato.

No dia 25 pela manhã fui apresentar cumprimentos ao sr. Intendente do Governo, Capitão Lucílio Rebelo, militar disciplinador, que, como tive depois ensejo de apreciar, possui qualidades de organizador e de desembaraço que o impõem à geral consideração de europeus e indígenas. Dei-lhe parte da missão de que ia incumbido, bem como do programa de trabalho que desejava realizar.

Entre a correspondência que para mim havia na Intendência, estava um telegrama do Sr. Comandante Baeta Neves, que transcrevo:

«Sua carta 22 Cabo recebida ontem lioma deu primeiras notícias sua vinda que não previa ponto impossibilitado presentemente fornecer artigos pedidos lembro aquisição conta missão geográfica Tete Vila Pery Beira ou Salisbury ponto conto passar Tete princípios Outubro avisarei oportunamente fim tentar nosso indispensável encontro. Chefe Missão ».

Tinha de ficar em Tete à espera do Sr. Comandante Baeta Neves pelo menos uma semana. Resolvi desde logo não perder tempo e dar começo aos trabalhos de colheita antropológica, estudando os indígenas de Tete, pertencentes ao grupo étnico dos Nhungués. O Sr. Capitão Lucílio Rebelo prontamente deu instruções no sentido de que todas as facilidades me fossem concedidas.

O sábado, 26 de Setembro, foi destinado à organização e montagem do serviço.

Nesse dia, aproveitando a ida do Sr. Intendente a Borôma, ali fui também, para colher elementos acerca da existência duma gruta com gravuras, no sítio da Kamulabaça, rápidos do Zambeze, umas dezenas de quilómetros a montante de Tete.

No dia 27 de Setembro, domingo, dei início aos trabalhos de investigação antropológica.

Os serviços foram montados na Polícia onde eram chamados os indígenas. O chefe da Polícia, Sr. Luiz dos Santos, de acordo com as ordens transmitidas pelo Sr. Intendente, organizou tudo

da melhor forma. Nunca me faltaram indígenas para medir; isto deve-se à maneira decidida e inteligente como o Sr. Luiz dos Santos encarou a colaboração que podia prestar à minha missão.

Sem receio de exagêro, posso afirmar que o bom rendimento dos meus trabalhos em Tete, se deve, em grande parte, à forma como o Sr. Chefe Luiz dos Santos me auxiliou, providenciando no sentido de qualquer dos seus subordinados europeus, e muitas vezes êle próprio, me auxiliarem no registo das medidas feitas nos indígenas, e muito especialmente de, em cada dia, ali comparecerem pretos em número suficiente.

Só assim se compreende que, desde 27 de Setembro a 10 de Outubro, tivesse medido 60 homens e 31 mulheres. Em cada indivíduo fazia 62 determinações antropométricas além do registo de numerosos caracteres descritivos. Tirei fotografias (Ests. XXIX a XXXIX) e fiz numerosos desenhos, especialmente de tatuagens. Gastava com cada indivíduo um pouco mais duma hora. Em 13 dias, pois no dia 5 de Outubro não se trabalhou, consegui medir 91 indivíduos. Começávamos às 6 horas da manhã. Tivemos dias de trabalhar 9 e 10 horas. Por aqui se pode julgar da valiosa colaboração que me foi prestada pelo chefe da Polícia Sr. Luiz dos Santos e pelos seus subordinados.

A 1 de Outubro chegou a Tete o Sr. Comandante Baeta Neves. Fiquei agradavelmente surpreendido quando, por volta do meio-dia e meia hora, ao regressar do trabalho para almoçar, o encontrei no hotel, na sua passagem para o Barué.

Conversamos largamente.

O Sr. Comandante não recebera informação oficial da minha partida. Como conseqüência, não pudemos arrumar as contas, que eu quis apresentar-lhe, do dinheiro que, para as despesas de viagem, me fôra entregue em Lisboa.

Visto ter tido conhecimento da minha chegada apenas por uma carta que eu lhe escrevera do Cabo, e que tardiamente lhe

chegou às mãos, não tivera tempo de me preparar o material necessário à vida do mato. A única coisa que me forneceu foi uma carabina e dúzia e meia de cartuchos. E para isso ficou o Sr. Comandante privado da sua carabina que quis ceder-me.

O Sr. Comandante deixou-me ainda dinheiro para as despesas da Missão.

Uns caixotes que despachara em Lisboa na véspera do meu embarque (29 de Julho), ainda não tinham chegado a Tete. Só ali chegaram em 27 de Outubro.

Angónia (Vila Coutinho) — Macanga (Furankungo) — Chifumbazi

Em 11 de Outubro abalo para Vila Coutinho, na companhia do Administrador da circunscrição da Angónia, Sr. Camilo Ferreira de Almeida.

Chegámos à noitinha.

Por amabilidade do Sr. Administrador fui seu hóspede durante os cinco dias que me demorei em Vila Coutinho.

No dia imediato ao da chegada, iniciei a colheita de elementos antropológicos em Antumbas. Nos cinco dias de trabalho medi 29 Antumbas e 6 Angones ou mestiços.

Estudei em especial os Antumbas (Ests. XL a XLIII) por me parecerem antropológicamente de maior interêsse do que propriamente os Angones.

Estes últimos são indígenas de ramo zulo, que há cêrca de cem anos vieram da Zululândia, região a sul da nossa colónia de Moçambique, e, em onda invasora, atravessaram de sul a norte tôda a nossa província, fixando-se por último na actual região de Angónia. Os *Antumbas* e os *Ambus* que eram povos autóctones, foram dominados e, em parte, absorvidos pelos invasores.

O interesse antropológico de qualquer destes dois grupos étnicos é manifesto.

Infelizmente o tempo de que dispunha não me permitiu senão estudar os *Antumbas* e estes em número bem restrito.

Em 17 de Outubro abalei para o Furankungo, onde a hospitalidade amiga do Administrador, Sr. José de Castro Cabral, me ia penhorar em sincera gratidão pelas provas de deferência e estima com que me distinguiu.

Nesse dia cuidou-se da organização da viagem ao Chifumbazi.

Tôdas as dificuldades foram resolvidas graças à boa vontade e desinteressada cooperação do Sr. José de Castro e do seu secretário, Sr. Silvestre Sérgio Alves.

Este emprestou graciosamente a sua caminheta para nela se fazer a viagem ao Chifumbazi. Esta colaboração, duma espontaneidade cativante, foi verdadeiramente preciosa, pois não havendo possibilidade de conseguir ali qualquer meio de transporte, teria de o esperar vindo de Tete, onde também nem sempre é fácil conseguí-lo.

Por tudo isto me parece ser indispensável, em futuras campanhas, dotar a missão antropológica com uma caminheta.

A 18 de Outubro abalamos para o Chifumbazi.

Seguimos a estrada de Vila Gamito.

A uns 30 quilómetros do Furankungo houve avaria na manga do eixo trazeiro, por se ter quebrado o espigão onde assenta o feixe da mola. Remediado o mal com um tronco de árvore amarrado com *mombo*, casca da árvore *m'tchumbe*, prosseguimos.

Logo adiante, estava uma árvore enorme tombada ao través da estrada. À fôrça de machado, conseguimos abrir passagem a um dos lados.

À passagem do rio Luía, e já à noitinha, passamos trabalhos para safar a caminheta das areias que totalmente cobriam o leito da estrada.

Valeu-nos uma turma de pretos que trabalhavam ali perto, no consêrto da mesma.

Já de noite, chegamos ao Chifumbazi.

Instalamo-nos numa casa em ruínas, há muitos anos abandonada por uma emprêsa alemã que ali explorou o ouro. A casa não tinha uma única porta sequer, as janelas sem vidros nem portadas, o telhado sem cobertura na sua maior parte.

Ao outro dia, manhã cedo, o Sr. José de Castro abalou para Lilongué a-fim-de mandar concertar a caminheta. Eu abalei para a serra, a corta mato, em demanda das celebradas pinturas rupestres do Chifumbazi.

Perto das minas do Chifumbazi fica uma povoação indígena denominada *Inhacuaua Coéra* do fumo *Capanga*.

Estava comnosco o português Sr. Manuel Vieira de Sousa, com 34 anos de África, que trouxemos da estrada junto do rio Luía, onde dirigia com um mulato, que o ficou a substituir, os trabalhos da reparação que ocupavam cêrca de 200 pretos.

O Sr. Vieira fala bem a língua indígena.

Foi um excelente companheiro e um utilíssimo intérprete, bem como um óptimo informador de muitos dos usos e costumes dos indígenas, com quem há mais de três dezenas de anos convive.

Antes de abalar para a serra procuramos colhêr informes.

O *Inhacuaua Coéra* que viera cumprimentar-me e trazer-me uma galinha como *saguáti* (presente), era vêlho e estava doente. Não podia por isso acompanhar-nos. Os homens da sua povoação, informava o mesmo *inhacuaua*, tinham abalado para caçar numas terras distantes e por lá demoravam ainda uns dias.

Esta informação devia ser redondamente falsa. O que na verdade deve ter-se dado foi a fuga pura e simples dos homens do povoado.

O *inhacuaua* limitou-se a indicar um ponto da encosta quási

ao alto, marcado por uma mancha onde as árvores estavam mais verdes, como sendo o local onde existiam as pinturas (Est. XLIV, figs. 57 e 58). Chegado ao sítio que me fôra apontado, deparei com uma espécie de gruta ou lapa por baixo dum enorme rochedo. A inspecção cuidada de todos os recantos foi improfícua.

À parte debaixo e um pouco para diante, num enorme bloco de quartzite, talhado de cima a baixo, com ressaltos e reentrâncias (Est. XLV, fig. 60), deparamos com as pinturas.

São numerosos os sinais que ali se vêem pintados a vermelho; todos de tipo esquemático.

São especialmente notáveis uns sinais pectiformes (Est. XLVII), que constituem o tipo dominante.

Outros sinais, igualmente estilizados, tais como: escalariformes, barras paralelas, e manchas vermelhas semeadas de pontuações brancas sobrepostas (Est. XLVIII, fig. 66), completam o conjunto, que se estende em disposição irregular, ao que parece, mais condicionada pela regularidade das superfícies da rocha (Est. XLVI, figs. 61 e 62), do que por qualquer correlação previamente estabelecida e a observar na execução.

As pinturas estendem-se irregular e descontinuamente dum lado ao outro do abrigo numa extensão de 10 metros, estando a pintura mais alta a 4 metros de altura. As côres são: vermelho claro, vermelho côr de tijôlo (esta é a côr dominante), vermelho escuro borra de vinho, vermelho alaranjado e branco.

Há algumas sobreposições. Assim, vê-se num dos sinais o vermelho tijôlo sobreposto ao vermelho escuro. Há um grande número de sinais bastante apagados. Mesmo depois de borrifar a pedra com água é difícil distinguir limites precisos a muitos dêsses sinais.

No alto, no primeiro ressalto ou degrau, há manchas róseas que não formam quaisquer desenhos, ou coisa que os faça lembrar; essas manchas, resultam, certamente, de alterações da superfície da rocha.

Todos, ou quási todos, os sinais das pinturas do *Chifumbazi* têm representantes absolutamente similares nas pinturas esquemáticas de arte rupestre peninsular.

A interpretação de alguns dos sinais do *Chifumbazi* é difícil. Não admira que assim seja. Mesmo na Península Ibérica, onde há dezenas de estações de arte rupestre, alguns dos sinais, quer pela má conservação da tinta, quer pela sua forma caprichosa, constituem difíceis problemas, até agora sem solução no que diz respeito à sua significação ou simbolismo.

No leste africano onde a estação pictográfica do *Chifumbazi*, se não constitue pròpriamente uma excepção, não é no entanto do tipo mais freqüente, as dificuldades subsistem. A descoberta de novas estações que, com o tempo, não deixarão de fazer-se, trará elementos novos que permitirão um estudo mais rigoroso, por mais documentado, e assim as conclusões poderão ser mais seguras.

Na serra de *Chicorone*, que informaram distar 25 a 30 quilómetros do *Chifumbazi*, segundo as informações colhidas, há também pinturas feitas nas pedras dum abrigo semelhante ao que acabamos de descrever.

Foi-me impossível visitar *Chicorone*, não só por falta de material, mas também por não ter conseguido arranjar meia dúzia de pretos carregadores. O único homem que avistamos em Coéra foi o Inhacuaua, e êsse mesmo vêlho e doente. É fácil imaginar-se o aborrecimento que isto me causou.

Feito o estudo das pinturas do *Chifumbazi*, e enquanto esperava a caminheta que o Sr. José de Castro tinha levado a Lilongué para concertar, colhi algumas notas etnográficas na povoação de Coéra, onde tirei algumas fotografias e fiz desenhos.

Coéra é uma pequena povoação indígena com umas duas a três dúzias de palhotas (Est. XLIX, figs. 67 e 68) distribuídas a êsimo num planaltozito para onde se sobe por encosta suave e

pedregosa. A povoação fica sobranceira ao plaino fundeiro das *machambas*. As palhotas *nhumbas* são de vários tipos, quasi tôdas por *maticar* exteriormente (Est. LV, fig. 78). A cobertura de capim é pouco cuidada. Por entre as palhotas vêem-se os *côgoés* (celeiros) (Est. L, figs. 69 e 70), uns maiores para o milho, outros menores para feijão e amendoim.

Entrei em várias palhotas, indo encontrar no *licole* (corredor ou cercadura feita à roda da palhota por uma fiada de paus mais ou menos justapostos) duma delas o *micoênde*, ou seja uma espécie de saco, feito de casca de *mombo*, cheio de cinza e entalado num bambu (*tsungui*) rachado em Y. A cinza foi obtida queimando certos juncos, e com ela temperam a comida à falta de sal.

Vi uma preta velha esfregar com uma pedra pequena (*peio*) sobre outra pedra maior (*tumba*) o *m'pali*, ou seja o milho esmagado no *pilão*, para o transformar em alva farinha que denominam *ufa* (Est. LII, fig. 73).

Mais adiante um garôto (Est. LI, fig. 72) jogava o pião (*enguri*) acionando-o por chicotadas sucessivas que lhe dava com o machaio (*chicote*) feito dum cabo de madeira que tinha na ponta uma mecha de fibras de casca da árvore chamada *mombo*. A esta parte do chicote que poderíamos dizer tira, ou melhor mecha de fibras, chamam *luzi*.

À sombra duma palhota o barbeiro rapava, com os seus *lumós*, a cabeleira hirsuta dum negrito.

Adquiri para o Museu Antropológico da Universidade do Pôrto algumas peças dos indígenas de Coéra.

Ainda tive tempo de ir visitar uma exploração de ouro feita pelos indígenas nas areias do Rio Muaradzi, afluente do Bubi.

Em 21 de Outubro, ao princípio da tarde, chegou um caminhão e nele Mr. Westhofen, da Cymric Myne, sita logo ao lado da fronteira, junto de Vila Gamito mas já na Rodésia. Mr. Westhofen vinha buscar-me, a pedido do Sr. António de Sousa Maciel, que

há uns dois anos explora a mina de ouro do Missal, situada próximo a Vila Gamito.

Só no dia 23, à tardinha, é que ali chegou o Sr. José de Castro.

Em 24 abalamos para o Furankungo e em 25 para Tete.

Nos dias 26 e 27 de Outubro trabalhei em Tete, tendo feito 110 determinações de grupos sangüíneos.

À uma hora da madrugada do dia 28, tendo como companheiro o Sr. Luiz dos Santos, chefe da Polícia Civil de Tete, abalei para a Kambulabaça. De manhãzinha chegámos a Inhampando. Colhidos informes sobre o melhor caminho a seguir, resolvemos continuar até ao Fumo Chaóla e dali até à povoação de Inhacapiriri, onde deixámos o caminhão. Estávamos a cerca de 160 quilómetros de Tete e já relativamente perto da Chicôa.

Abalamos de Inhacapiriri por volta das 8 horas e meia da manhã. Caminhámos em direcção ao Zambeze. Pelo meio-dia fizemos alto num sítio denominado Canhenze, onde se encontrou água no fundo dum pequeno pôço. Um verdadeiro enxame de mûscas e outros insectos, ora pousados, ora sobrevoando aquela porção de água escurecida, mais repugnante a tornavam. Os pretos, sequiosos, beberam à farta. O calor apertava naquela baixa pouco arborizada onde avultavam os gigantescos boabás.

Pouco depois da uma hora prosseguimos na marcha para o Zambeze.

Subimos pequena encosta e num plaino, à esquerda do caminho, deparamos com uma dúzia de palhotas muito baixas e pequenas, com a cobertura de capim pouco cuidada e a parede também revestida de capim. Era a povoação de Marissa do fumo Mourinho. Alguns homens e mulheres, com quem conversámos, apresentavam-se largamente tatuados, especialmente as mulheres, com tatuagens na face, peito, ventre, braços e antebraços. A tatuagem do peito, ventre e membros era do mesmo tipo da que vimos nos nhungués de Tete. Na face, além doutras características, é

digna de menção uma série de pequenos traços ou pontos dispostos em T com o ramo horizontal na base da testa paralelo à linha das sobrancelhas e a haste descendo até ao nariz.

Só uma das mulheres tinha o lábio superior furado. Tôdas apresentavam os lobos das orelhas furados e no bucaquito traziam um pedacinho de medula de capim a que chamam *seué*.

Estes indígenas dizem-se *Dêmas*.

Eram 14 horas e meia quando abalámos. Na vertente que depois de Marissa descemos seguindo para *Panhantchenge* encontrei, no carreiro do caminho, um pedacito de siléx que apanhei. Pelo facetado um tanto irregular deu-me a impressão dum instrumento paleolítico muito grosseiro, fruste, ou melhor ainda dum núcleo. Por não ter encontrado qualquer outro instrumento lítico, pus de parte aquêlo pedacito de siléx que momentâneamente chamara a minha atenção, em especial por aparecer numa região granítica.

Continuamos a marcha.

Já passava das 16 horas quando, fatigadíssimos e cheios de calor, resolvemos acampar.

Naquela baixa de *Panhantchenge* os pretos que levamos, acabaram de construir uma cabana, aproveitando uma armação com que deparámos.

O chefe Santos orientava os serviços, arrumando tudo em perfeita ordem, não esquecendo de mandar pegar fogo ao capim como medida preventiva contra as cobras e outros bichos que ali abundam.

Quezilado por um ataque de reumatismo, exacerbado pela jornada, entretive-me a esfolar duas aves que tinha morto pelo caminho: um *Kué*, pássaro de plumagem cinzento ardósia com abundante poupa, e um passarito com linda mancha amarela na parte posterior do abdómen. Não pude visitar a próxima povoação indígena donde acorreram alguns homens e mulheres que, a trôco de punhados de sal, nos forneceram algumas panelas de

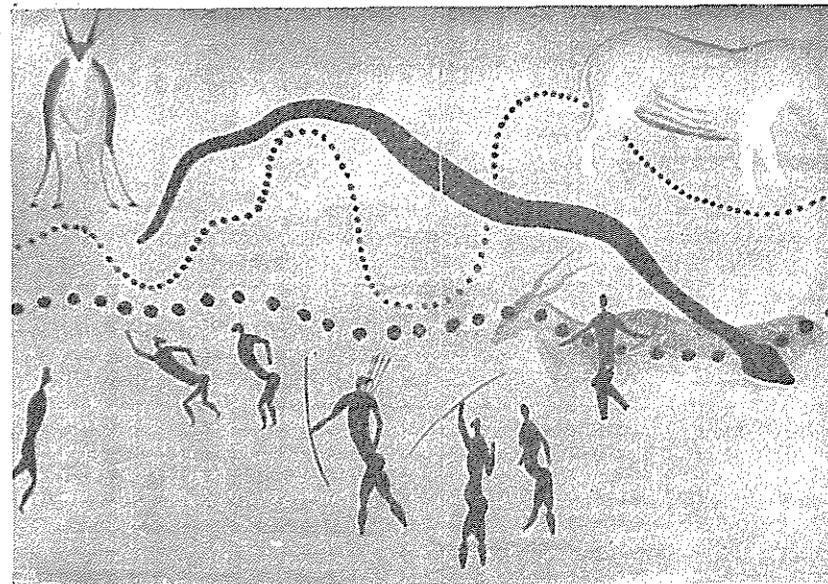


Fig. 3 — Belo espécime de pintura rupestre sul-africana policrômica. Interessante notar as sobreposições. Cobra e figuras humanas que no original se apresentam em cor vermelha-escura, são seguramente posteriores às representações zoomórficas. Das figuras humanas 3 estão armadas de arcos e uma delas transporta um molhe de flechas.

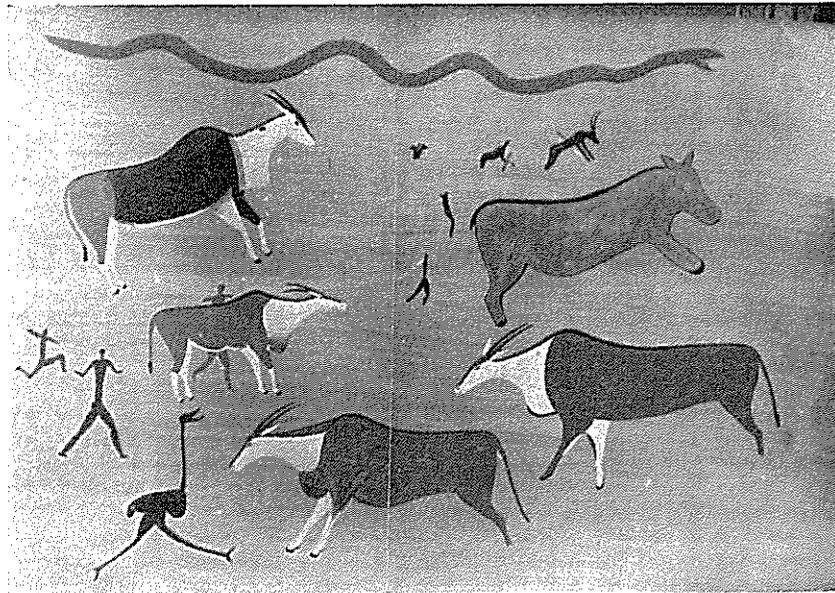
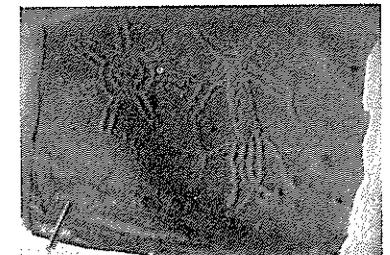


Fig. 4 — Pintura rupestre sul-africana policrômica, do Orange, grande caverna em Agter Genaadeberg. Neste conjunto pictográfico há também diversidade de estilos, e à esquerda um antílope sobrepôsto a uma figura humana. É notável pelo realismo dinâmico a figura do avestruz. No alto e à direita, por baixo da cobra, uma cena de caça, onde figura um homem estilizado armado de arco e flecha, e um antílope com uma flecha cravada no lombo.



Fig. 5 — Gravura em rocha dura, basáltica, proveniente de Klein Wituley, entre Windhoeck e Gobalis. A cobra maior tem de comprimento 102cm, a menor 74cm. Além das gravuras que na fig. aparecem em cor clara, a pedra apresenta pinturas; manchas vermelhas sobre fundo escuro quase preto, nas quais não consegui discriminar quaisquer representações.

Fig. 6 — Gravura rupestre de Schweitzer Reneke (Western Transval) representando uma curiosa estilização de figura humana e um símbolo solar. O comprimento da pedra na horizontal é de 32cm.



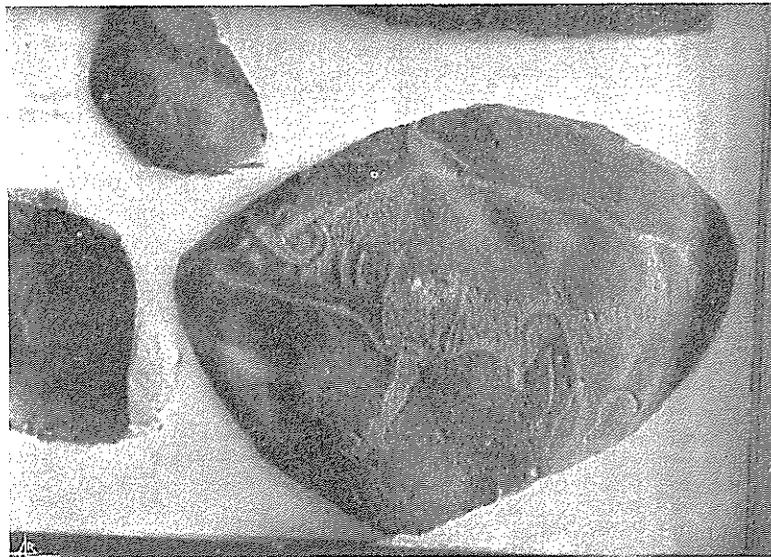


Fig. 7 — Notável gravura rupestre de búfalo. Dada a dificuldade de, em gravura, representar na rocha dura determinadas particularidades anatómicas, o artista de remotas eras conseguiu, no caso presente, vencer essas dificuldades. Esta gravura provém de Schweitzer Reneke (Western Transval).

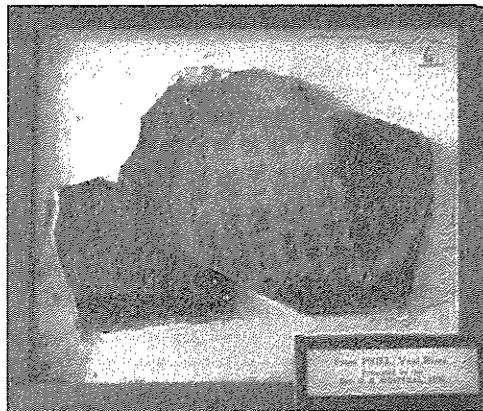


Fig. 8 — Gravura em xadrez de Pniel Vaal River. O sinal gravado tem 12cm de comprimento na horizontal.

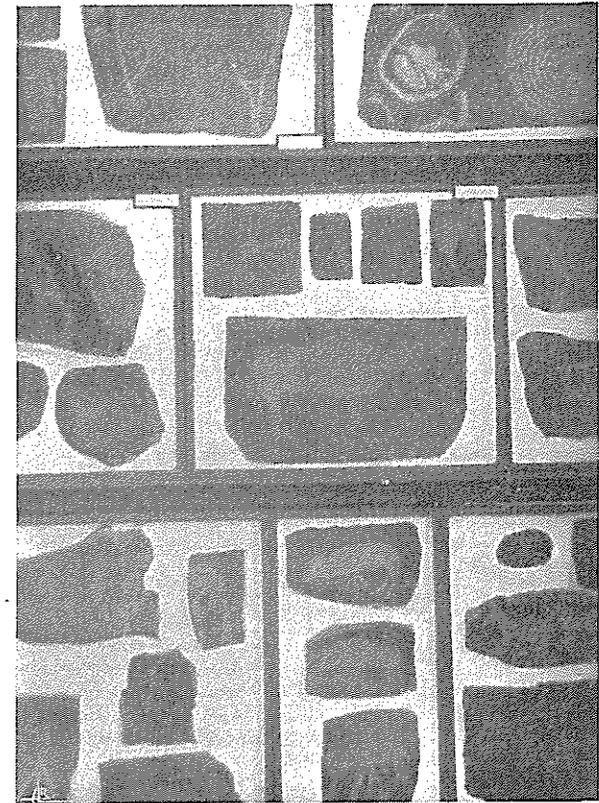


Fig. 9 — Conjunto de gravuras rupestres sul-africanas, implantadas em gesso e dispostas em caixilhos, que revestem as paredes duma das salas do Museu de Cape Town.

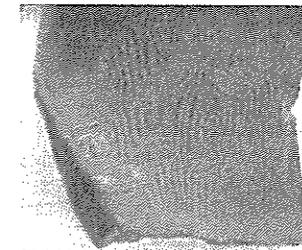


Fig. 10 — Gravura rupestre geométrica, de Gaub (South West Africa).

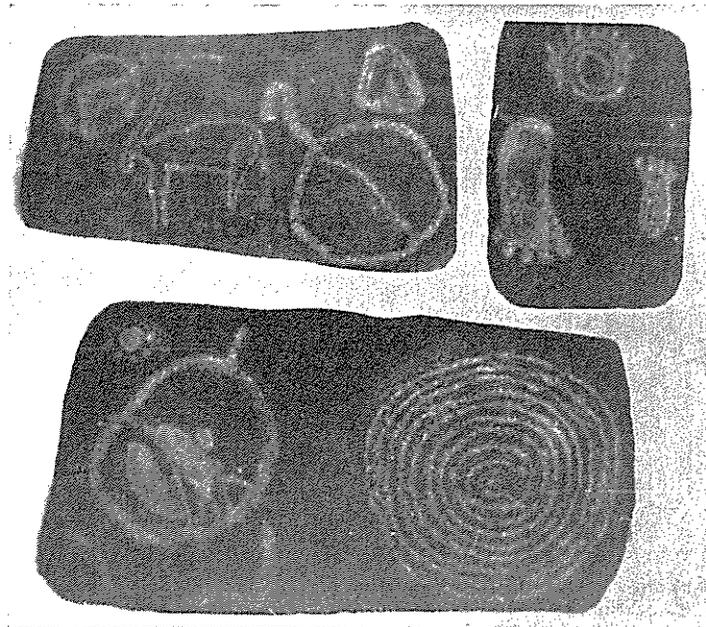


Fig. 11 — Grupo de gravuras rupestres sul-africanas. Na pedra do alto à direita há dois pés e uma espiral de 3 voltas com 9 traços radiais na última volta. O pé maior tem 20^{cm} de comprimento e apresenta os dedos muito separados como é freqüente nas raças negras. O pé mais pequeno parece de criança e tem 11^{cm}. Na pedra inferior sobressai uma espiral de 10 voltas.

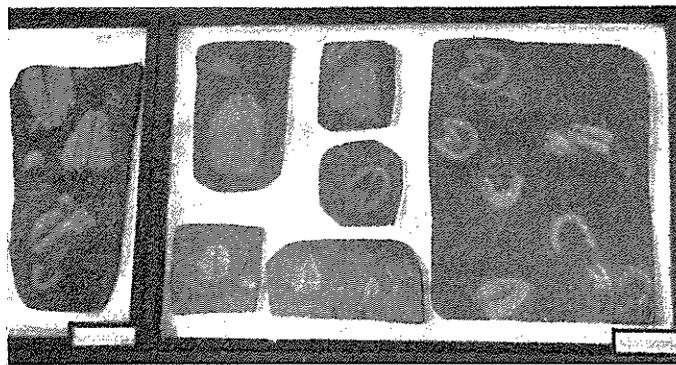


Fig. 12 — Gravuras rupestres de pègadas, em forma de ferradura e outras, proveniente de Gaub (South West Africa)



Fig. 13 — Edifício da Biblioteca Pública e Museus de Johannesburg

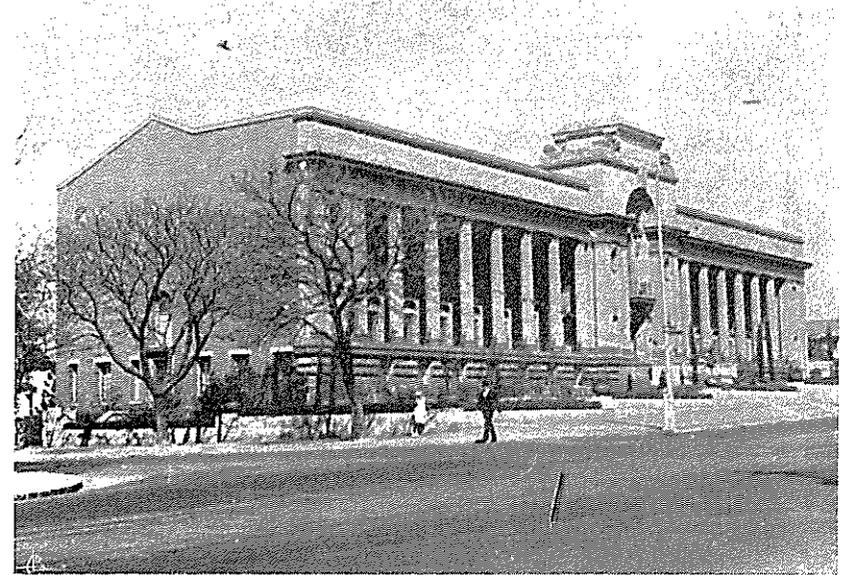


Fig. 14 — Corpo central do novo edifício do Museu de Pretória



Fig. 15 — Museu de Pretória. Preciosa coleção de gravuras rupestres. Os pedaços de rocha com gravuras estão expostos sobre mesas-taboleiros como mostra a fig. Na parede quadros com desenhos das gravuras mais notáveis.



Fig. 16 — Palhotas em Ressano Garcia. Fotografia tirada do comboio

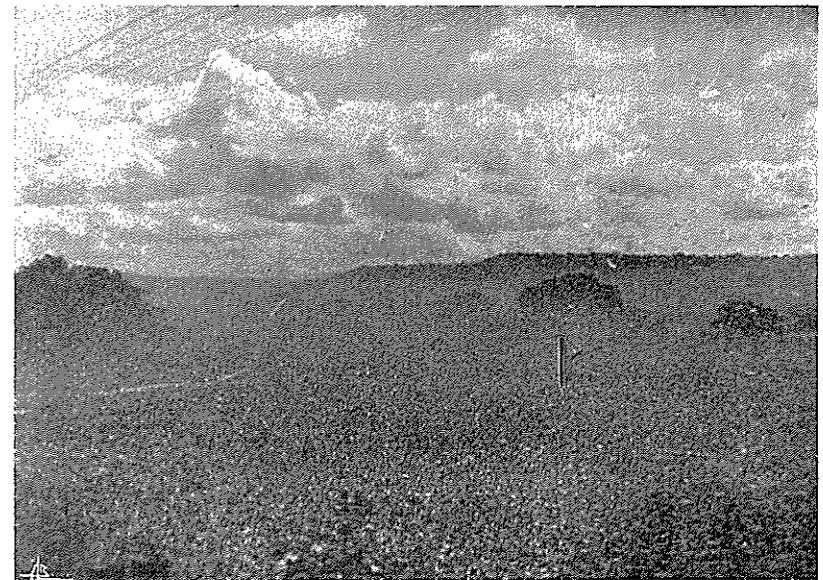


Fig. 17 — Fotografia tirada, do comboio, a uma nuvem baixa de gafanhotos na margem do Incomati

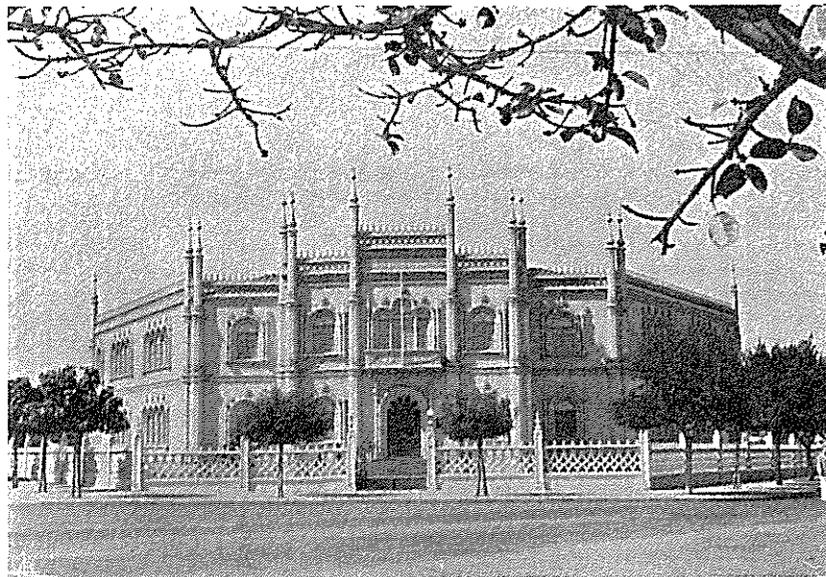


Fig. 18 — Edifício do Museu Provincial Álvaro de Castro, Lourenço Marques



Fig. 19 — Entrada de Sterkfontein Cave. Esta gruta natural aberta na rocha calcárea, fica entre Johannesburg e Pretória. A parte visível estende-se por algumas centenas de metros de amplas galerias. As formações de estalactites são raras.

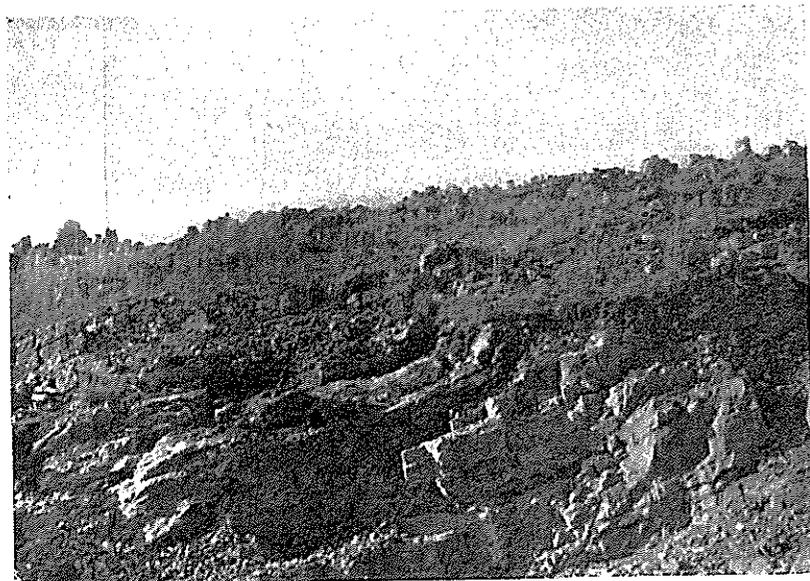


Fig. 20 — Rocha calcárea da superfície do cabeço de Sterkfontein Cave, onde o Dr. Broom do Museu de Pretória descobriu os notáveis restos fósseis do *Australopithecus transvaaliensis*.

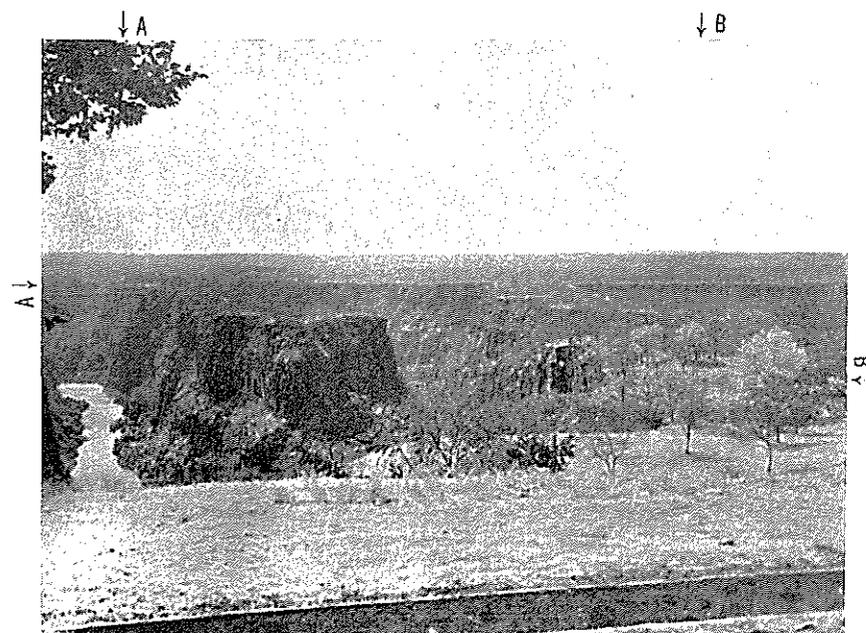


Fig. 21 — Margens do Zambeze em Victoria Falls. As setas indicam os locais onde fiz colheita de numerosos instrumentos líticos

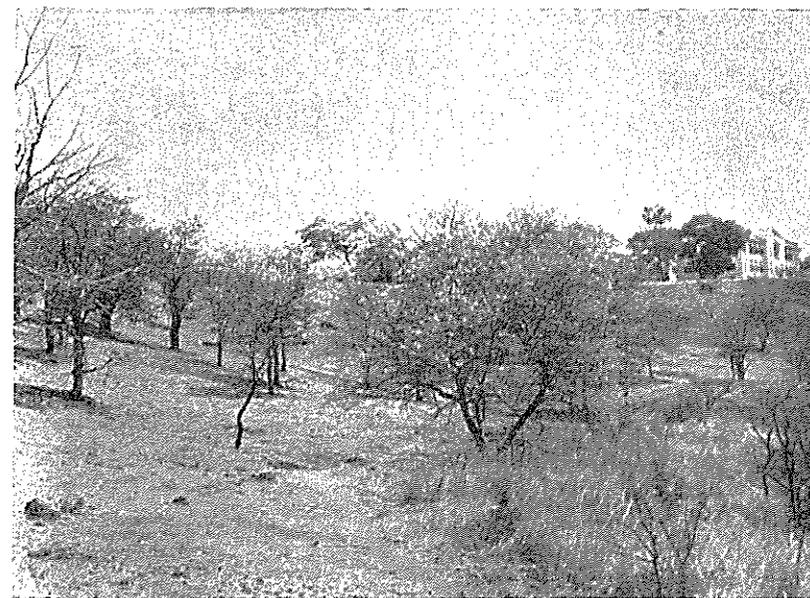


Fig. 22 — Ladeira onde colhi numerosos instrumentos de pedra. À direita vê-se o hotel de Victoria Falls

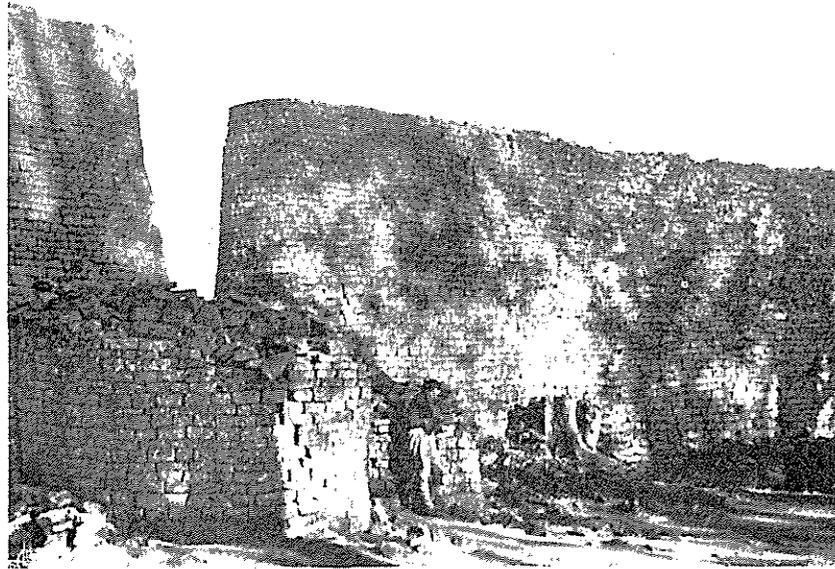


Fig. 23 — Ruínas de Zimbaué. Muralhas do templo, contrafortes e entrada do lado poente



Fig. 24 — Zimbaué. Ruínas do Vale, a norte do templo elitico, cuja muralha se vê no alto à direita e acima da qual ascendem as copas das árvores existentes no recinto.

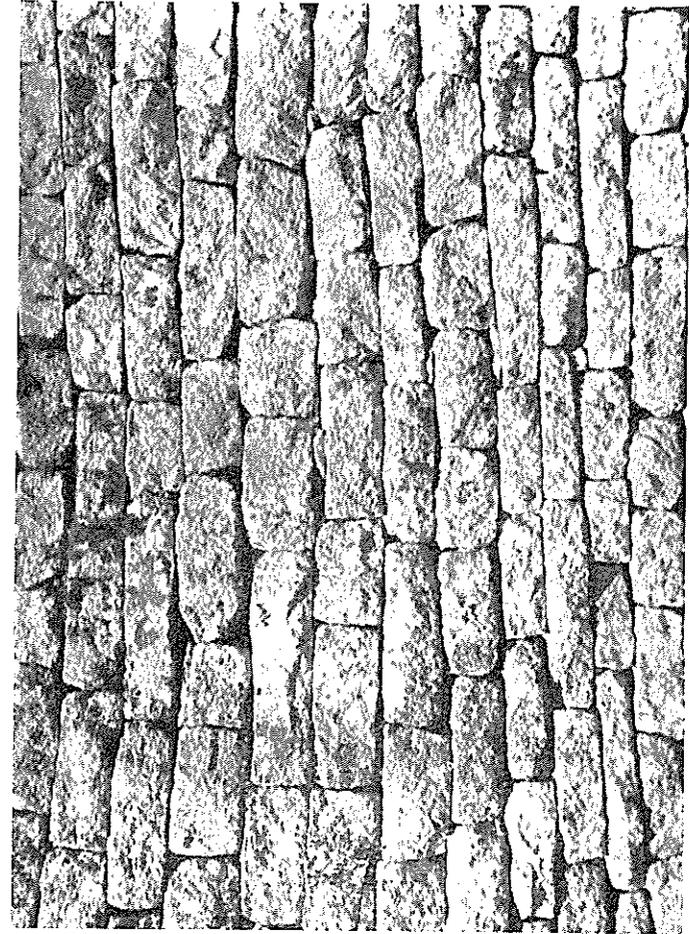


Fig. 25 — Pormenor da muralha do templo elitico de Zimbaué, para mostrar a sua construção feita com pedras de secção rectangular sem interposição de qualquer cimento ou argamassa. A este tipo arquitectónico pode bem chamar-se *opus rectangularis*.

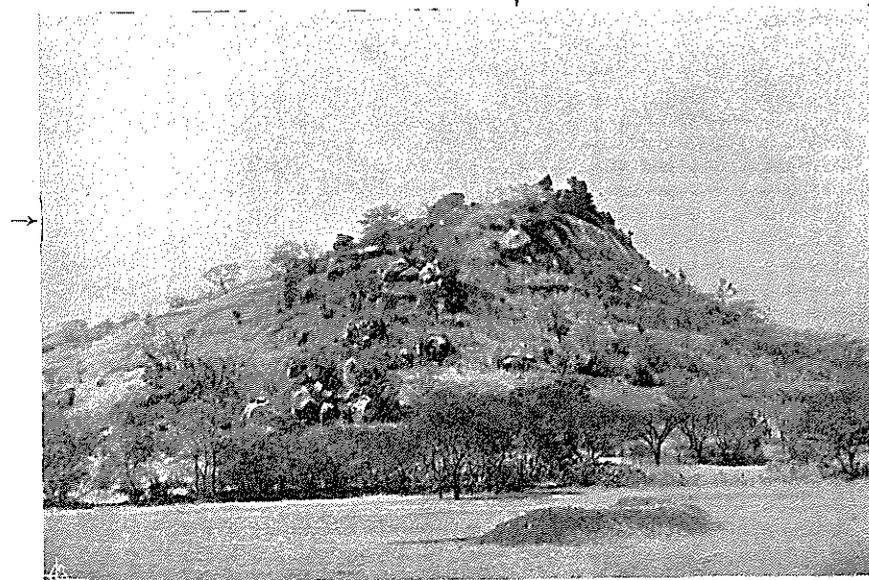


Fig. 26 — Zimbaué — Acrópole. As setas indicam a robusta muralha que defende o alto do cabeço. Acavalgados uns nos outros há, no cimo, enormes rochedos; alguns estão incorporados na linha da muralha, à semelhança do que se observa em muitos castros do Norte de Portugal e da Galiza.



Fig. 27 — Zimbaué — Escada de acesso para a Acrópole. É notável a via de acesso ao recinto muralhado que corôa a Acrópole. Ladeando a escada vêem-se fortes muros de tipo arquitectónico semelhante ao de muralha de templo (fig. 25), constituindo como que um resguardo.

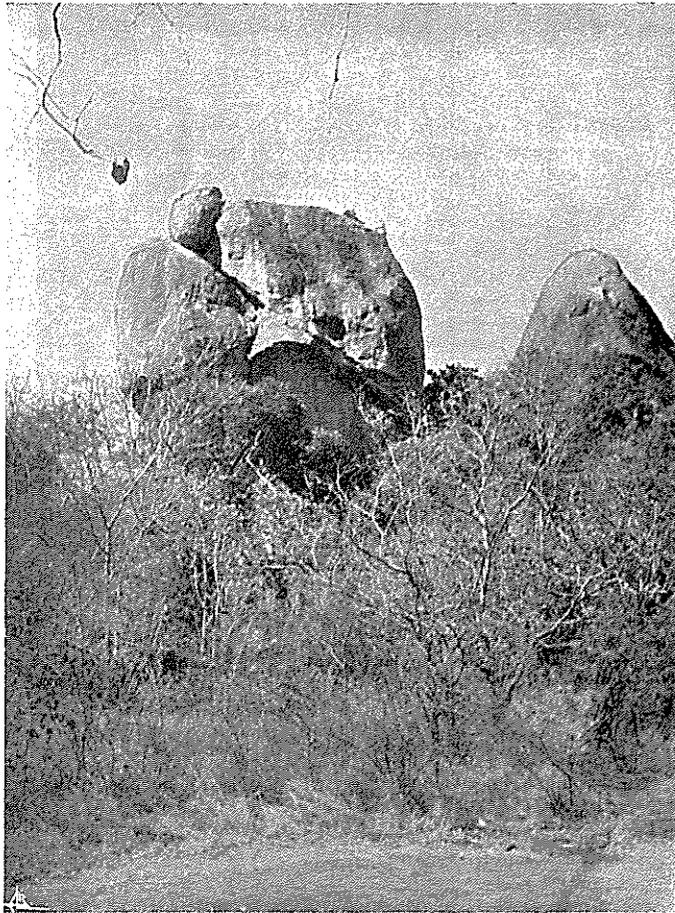


Fig. 28 — Rochedo de granito ao lado da estrada de Salisbury a Motopo's Hill, que apresenta um abrigo onde se encontram remotas pinturas a vermelho.

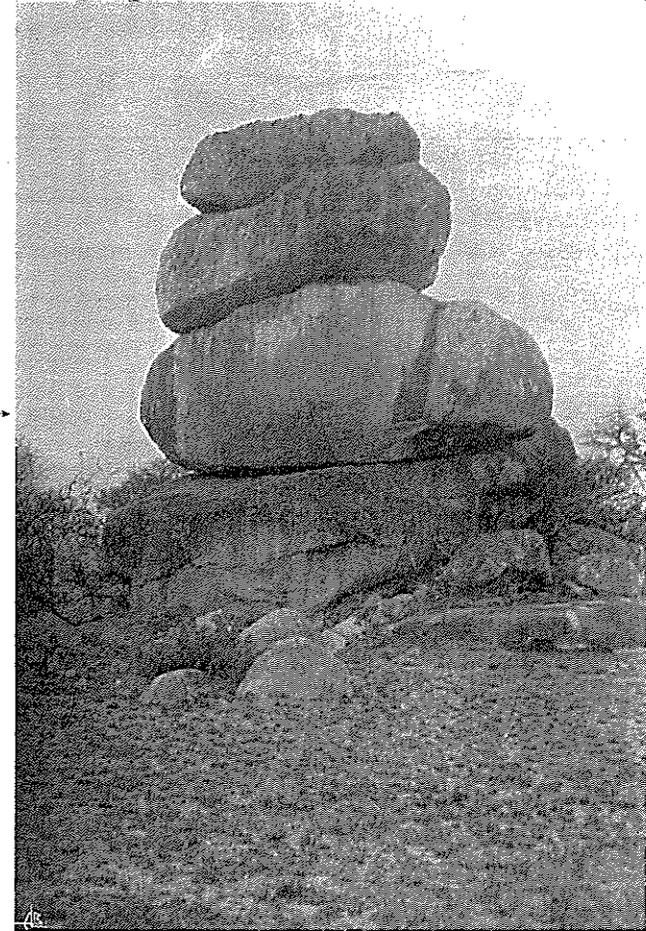


Fig. 29 — Abrigo com pinturas rupestres a poucas dezenas de metros do abrigo da fig. 31. Dos penedos acavalados o cimeiro faz uma saliência ou pala que protege a superfície lisa do penedo subjacente onde na altura indicada pela seta, e numa extensão de 6^m por cerca de 2^m de alto se vêm numerosas pinturas a vermelho e a amarelo.



Fig. 30 — Pinturas em amarelo do abrigo da figura precedente situado próximo de Rusawi School. A representação do javali é perfeita. À direita e à esquerda das representações zoomórficas há duas figuras humanas muito esguias, especialmente a da esquerda. Há outros restos de figuras antropomorfas menos distintas.

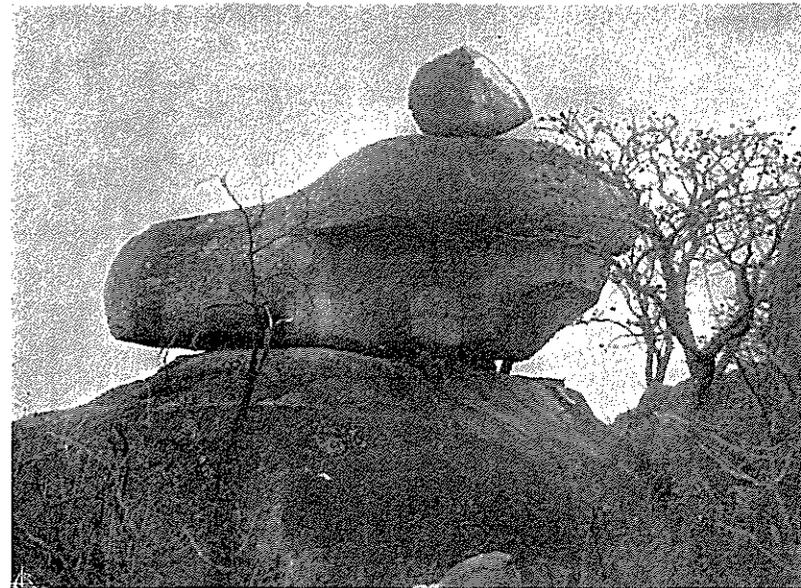


Fig. 31 — Abrigo com pinturas rupestres. Faz parte do grupo de Rusawi School — Marandelas e fica perto do da fig. 29



Fig. 32 — Pormenor das pinturas do abrigo precedente. De mistura com animais várias representações humanas muito estilizadas. É notável o seu dinamismo. Do lado direito indicada pela seta vê-se uma figura em atitude de dança.

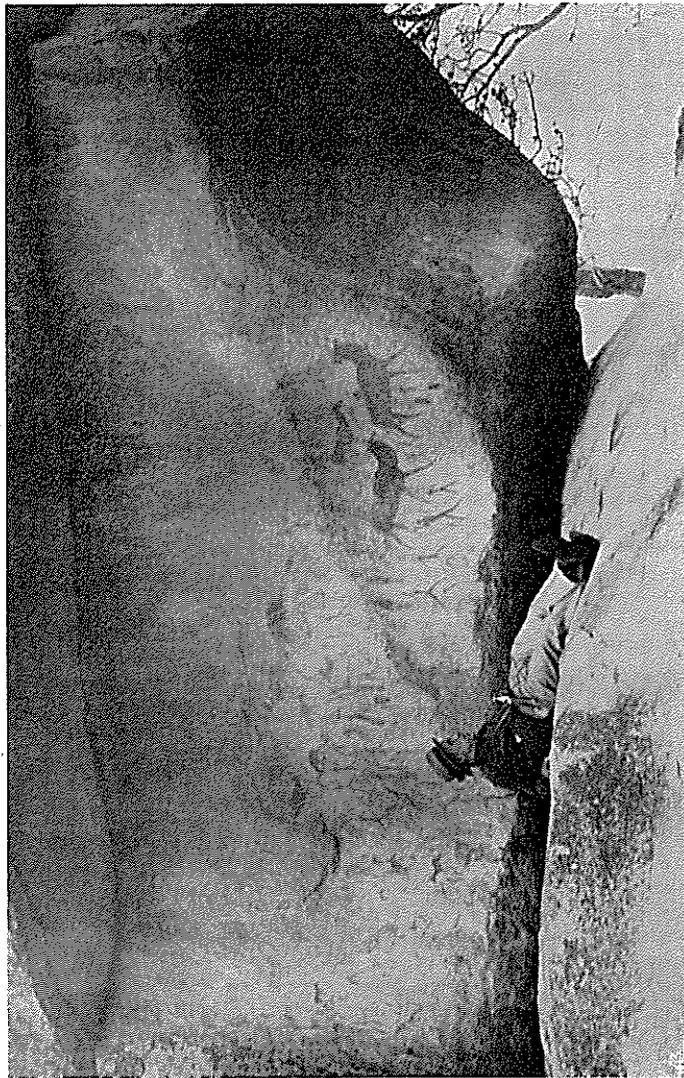


Fig. 33 — Vista de conjunto das pinturas do abrigo da fig. 31. Múltiplos animais e muitas figurações humanas estão pintadas sobre fundo branco. A cor dominante é o vermelho côm de vinho; há figuras em vermelho alaranjado, côm de chocolate e amarelo.



Fig. 34 — Zona central das pinturas representadas na fig. anterior. Especialmente à direita, e em baixo, nota-se bem a cor branca que constitui o fundo d'êste excelente conjunto pictográfico.



Fig. 35 — Pormenor em que predominam 3 gômas ou cudos, *Strapsiceros strepiceros* Pall; duas fêmeas e um macho

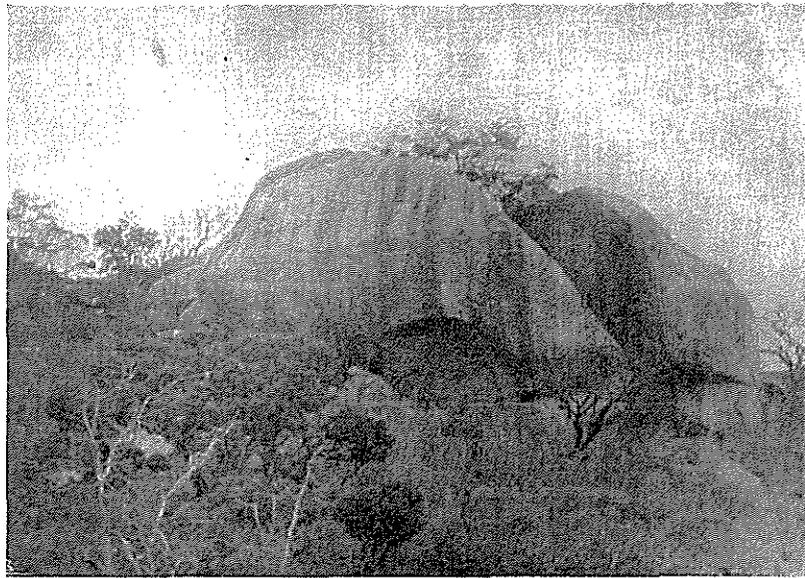


Fig. 36 — Grandes rochedos graníticos à direita da estrada de Salisbury a Haedlands, e a cerca de 8 kms. além de Marandelas. Na base do rochedo do 1.º plano há um abrigo natural onde existem pinturas em vermelho, amarelo e branco. No rochedo do 2.º plano há também pinturas.



Fig. 37 — Abrigo do rochedo da fig. precedente mostrando um grupo de animais que se distribuem numa área de cerca de 4m de comprimento, por um pouco mais de 2m de alto.



Fig. 38 — Grupo central das pinturas do abrigo precedente onde há 9 animais pintados a vermelho: 5 especialmente bem conservados, dada a sua intensa coloração, embora tenham sido vandálicamente picados. Há também bastantes figuras humanas estilizadas, em atitudes cheias de dinamismo, armadas de arco e empunhando molhos de flechas.

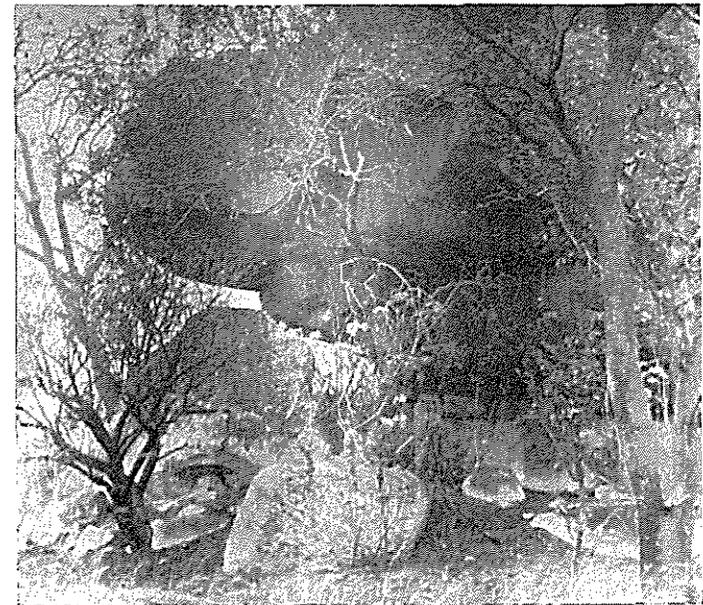


Fig. 39 — Abrigo subjacente a um enorme rochedo de granito em pala. Ali existem pinturas, a vermelho, nas paredes e no teto. Este abrigo fica próximo de Rusawi School — Marandelas.



Fig. 40 — Conjunto pictográfico de um dos abrigos de Beatrice (Farm Glen-Norah) próximo de Salisbury. A superfície está literalmente cheia de pinturas, umas em vermelho escuro cor de chocolate, outras em vermelho alaranjado, e um pequeno número em amarelo acastanhado. O conjunto tem pouco mais de 2^m na horizontal. Figura predominante no cimo, um elefante. Há outro elefante em baixo e à esquerda.



Fig. 41 — Pormenor da pictografia da fig. 40. A meio há uma espécie de ponte e sobre ela uma série de figuras. Por cima da ponte, e estendendo-se para o canto superior direito, há uma cobra que termina por uma cabeça com orelhas.

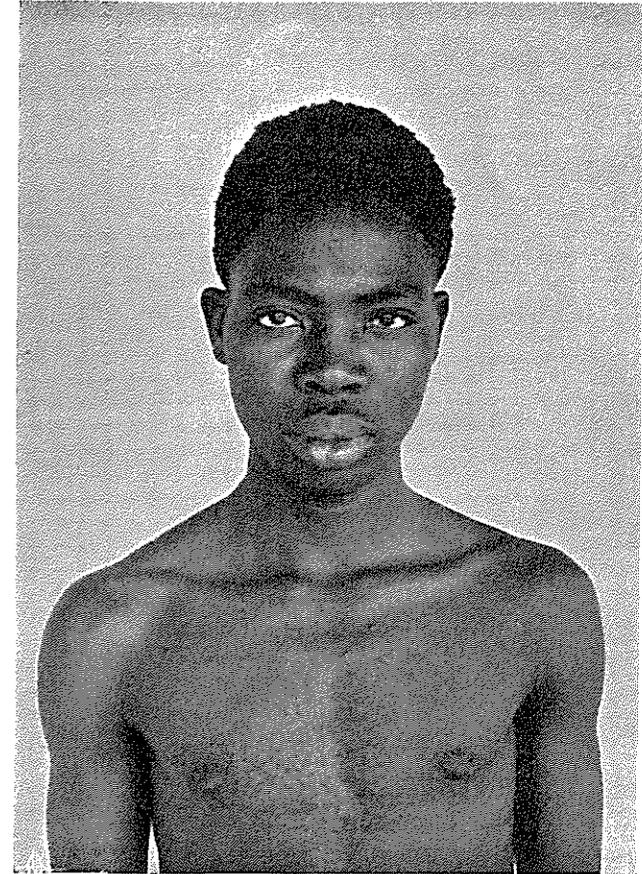


Fig. 42 — Nhungué, de frente

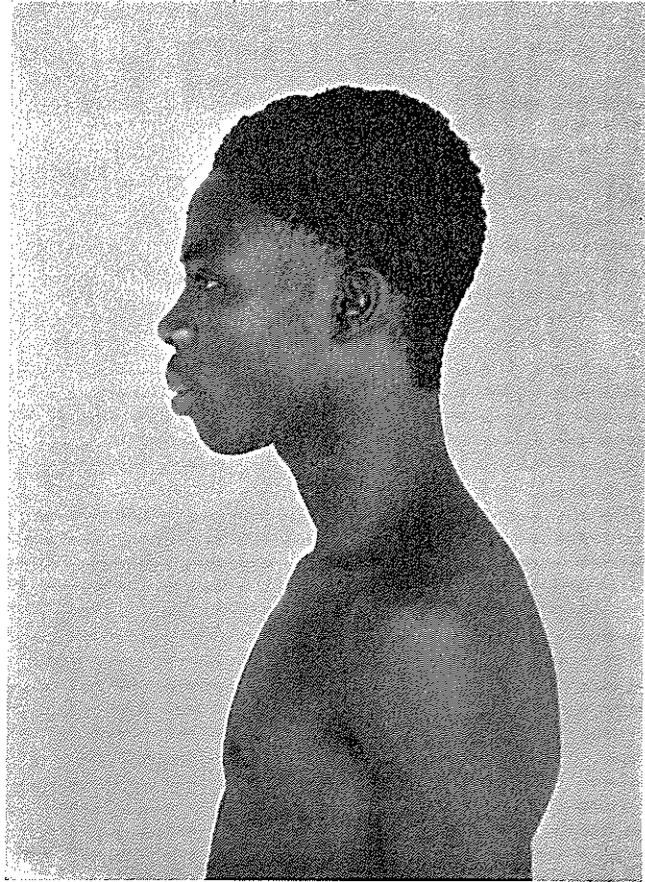


Fig. 43 — Nhungué, de perfil

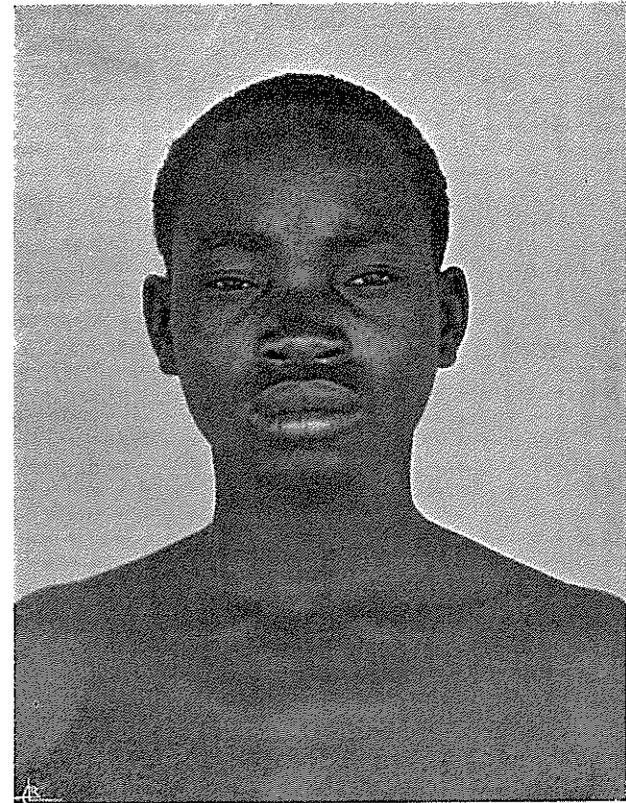


Fig. 44 — Nhungué, de frente

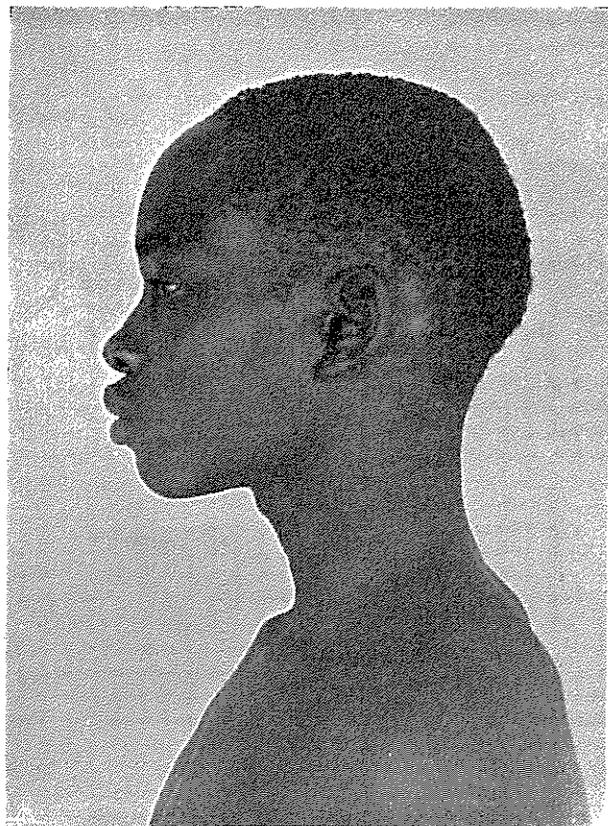


Fig. 45 — Nhungué, de perfil

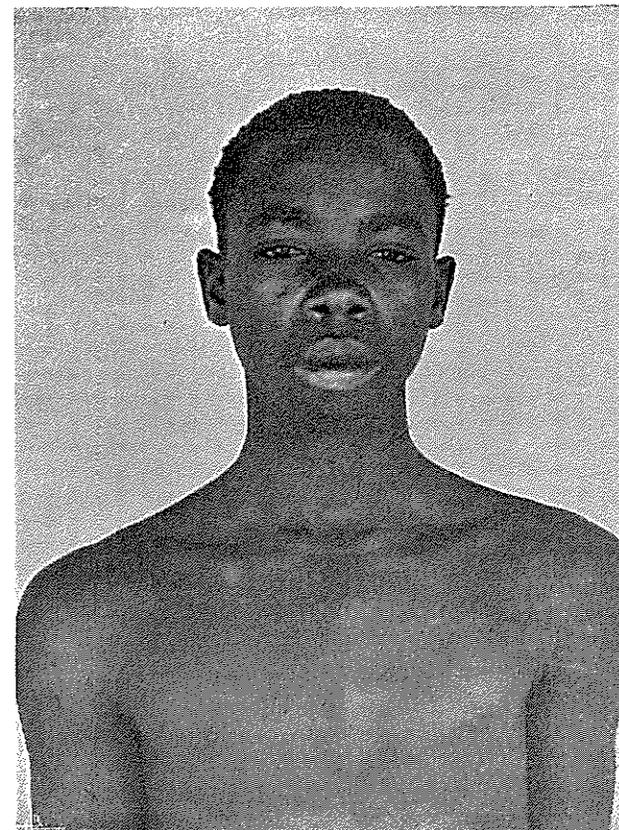


Fig. 46 — Nhungué, de frente

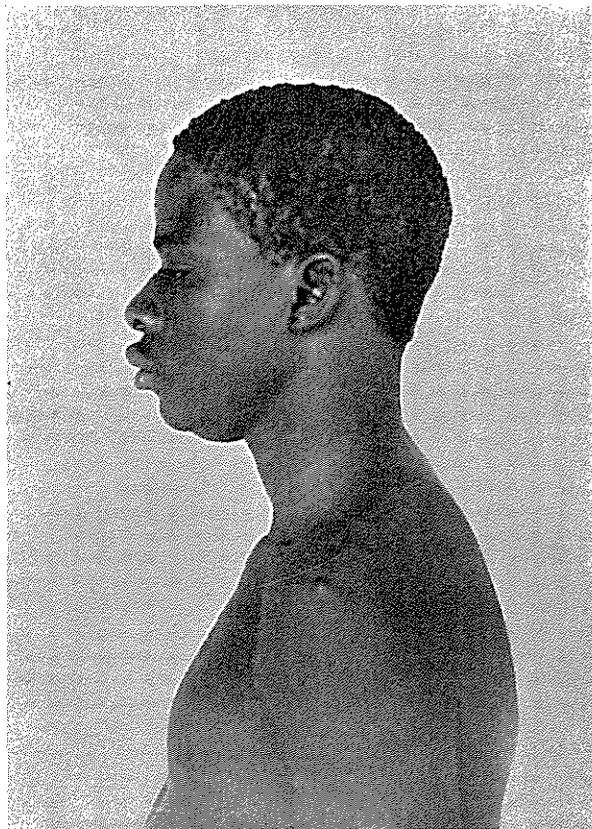


Fig. 47 — Nhungué, de perfil

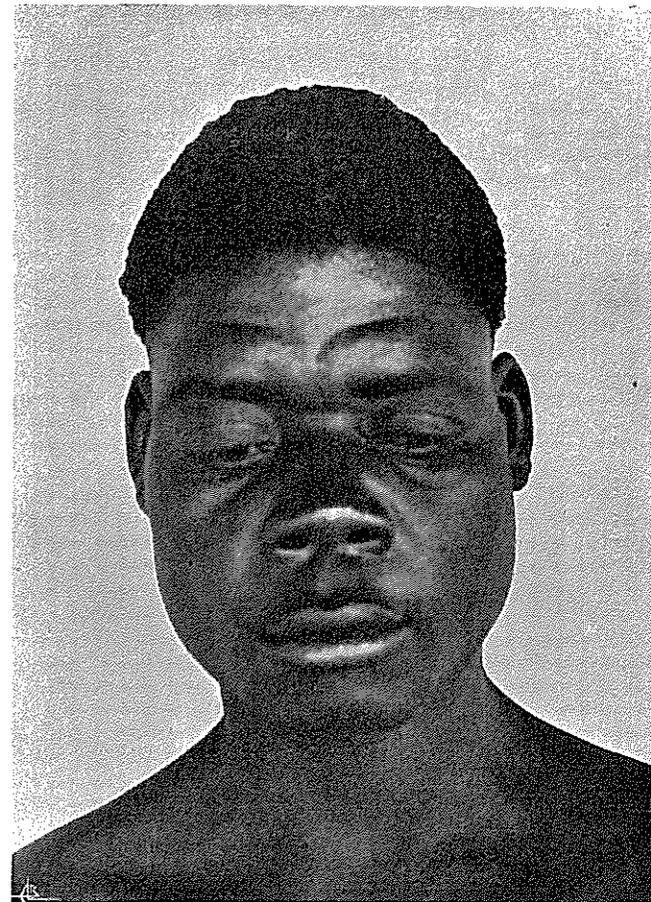


Fig. 48 — Nhungué. Como regra quási geral os nhungués rapam os cabelos no alto da fronte. Este, como em parte mostra a fotografia, rapou o cabelo na nuca e têmporas deixando a carapinha cimeira semelhante uma boina.

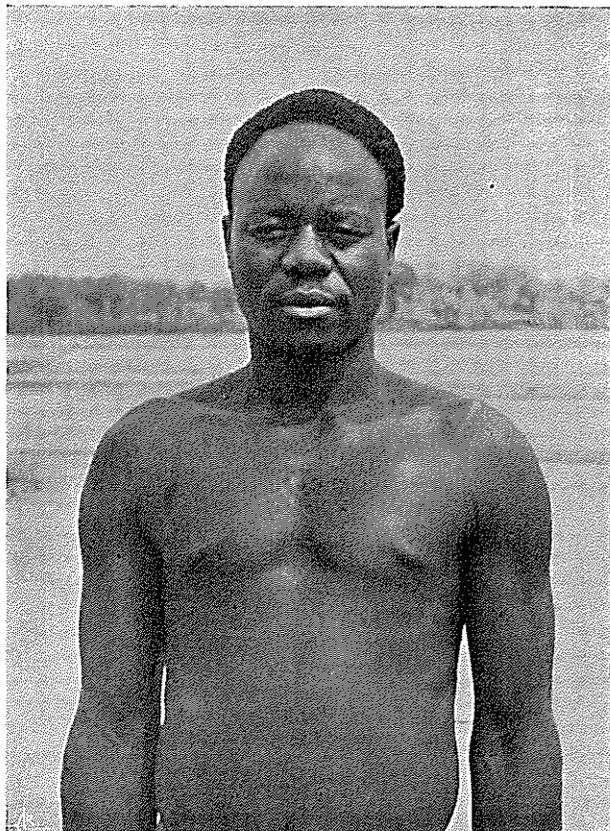


Fig. 49 — Nhungué. A excelente constituição e robustez dos nhungués é bem manifesta neste indivíduo. O hábito de raparem o cabelo no alto da testa dá a esta proporções avantajadas.

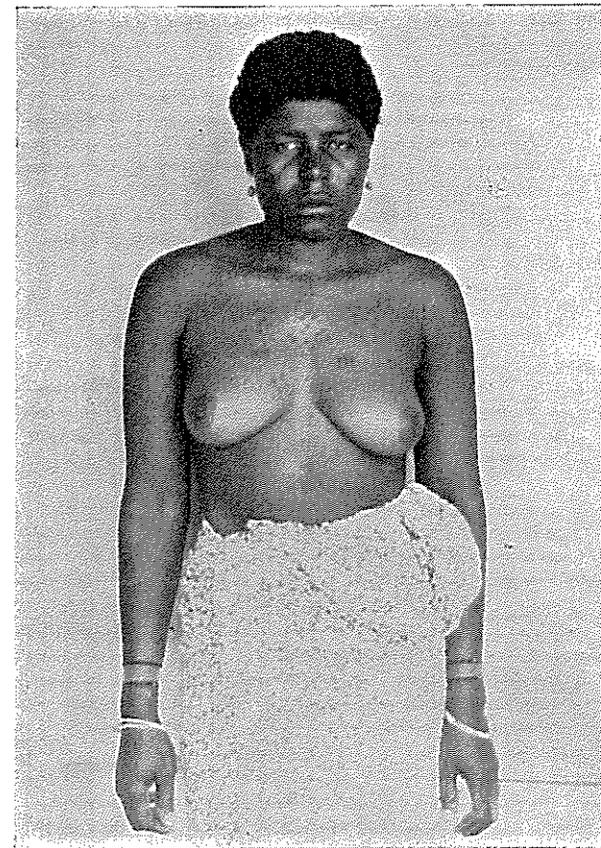


Fig. 50 — Mulher nhungué. O peito e o ventre semeados de tatuagens. Nos pulsos, pulseiras justas de missanga e braceletes de celulóide.

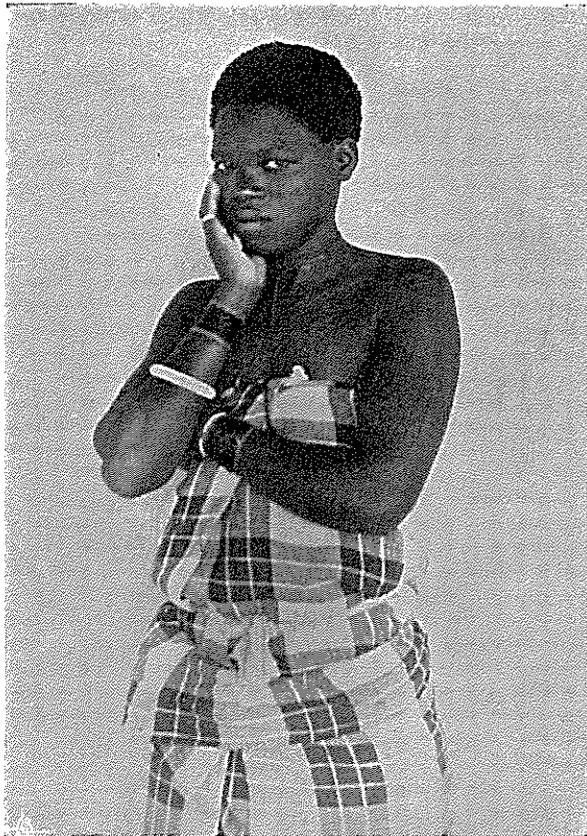


Fig. 51 — Mulher nhungué. No peito e no ombro esquerdo vêm-se nitidamente as tatuagens. Como na mulher da fig. anterior há pulseiras justas de missanga e braceletes brancos de celulóide. No dedo mínimo da mão direita um anel.

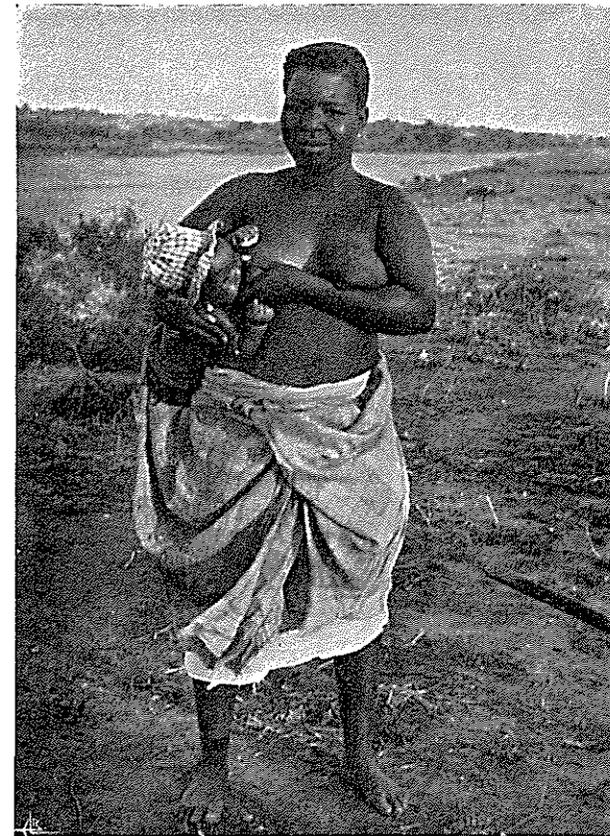


Fig. 52 — Mulher nhungué amamentando o filho. A cabecita do pequeno está coberta por uma touca, o que é muito raro ver-se. Geralmente os pequenitos andam de cabeça ao léu, agüentando horas seguidas o escaldante sol da Zambézia.



Fig. 53 — Grupo de Antumbas. Os Antumbas constituíam com os Ambús o grupo autoctone da actual região denominada Angónia quando, vai para 100 anos, a região foi invadida pelos Zulos comandados por N'gadi, próximo parente de N'goni, importante chefe indígena do potentado Tchaka. O nome N'goni tornou-se extensivo à expedição primeiro, depois à tribo, e por fim à fértil região onde mais tarde ela se fixou, a actual Angónia.

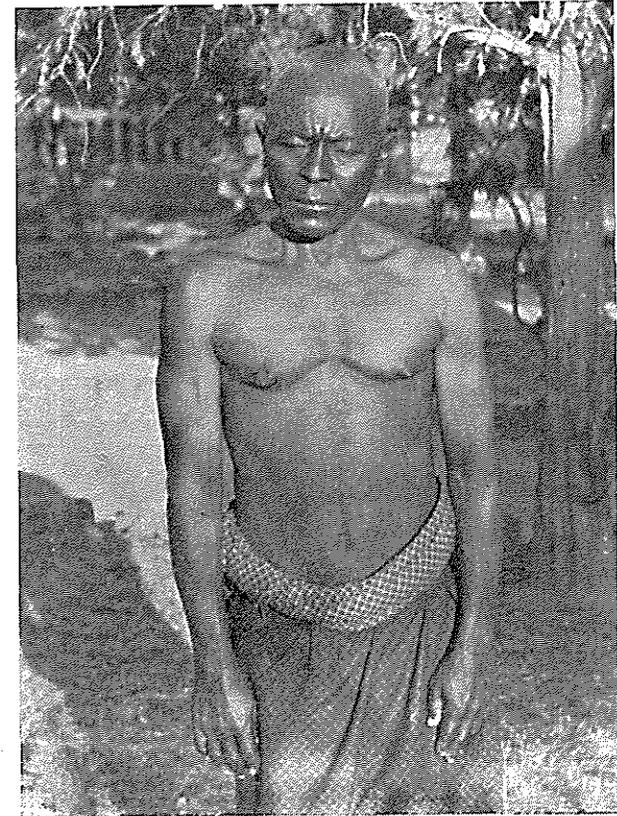


Fig. 54 — Antumba. Além doutras diferenças que separam os Antumbas dos Nhungués note-se a forma da face oval, os lábios relativamente finos e o nariz mais estreito, portanto com índice nasal mais baixo.

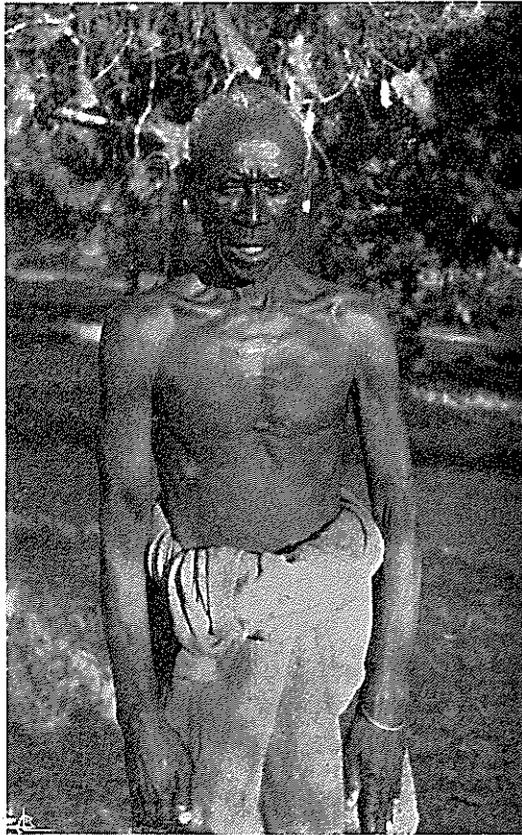


Fig. 55 — Antumba, de frente. Lobos das orelhas furados e no largo buraco metido um pedaço de medula de mapira. No braço esquerdo um bracelete de metal.

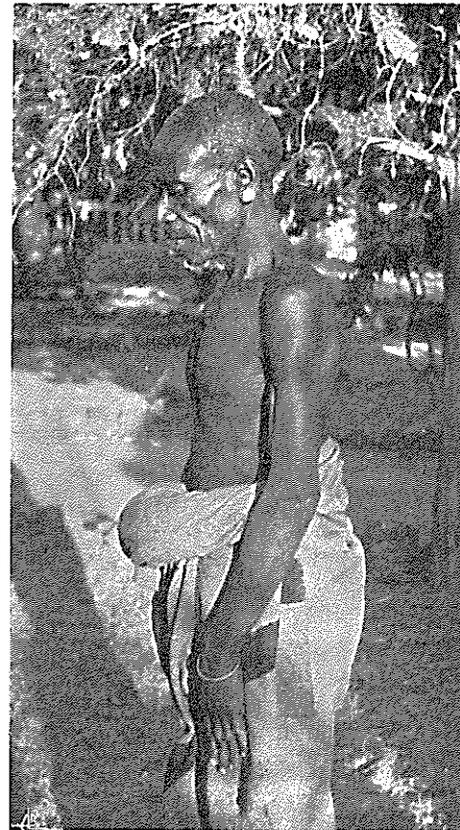


Fig. 56 — Antumba, de perfil. A medula de mapira metida no buraco do lobo da orelha tem 1^{cm},5 de diâmetro.

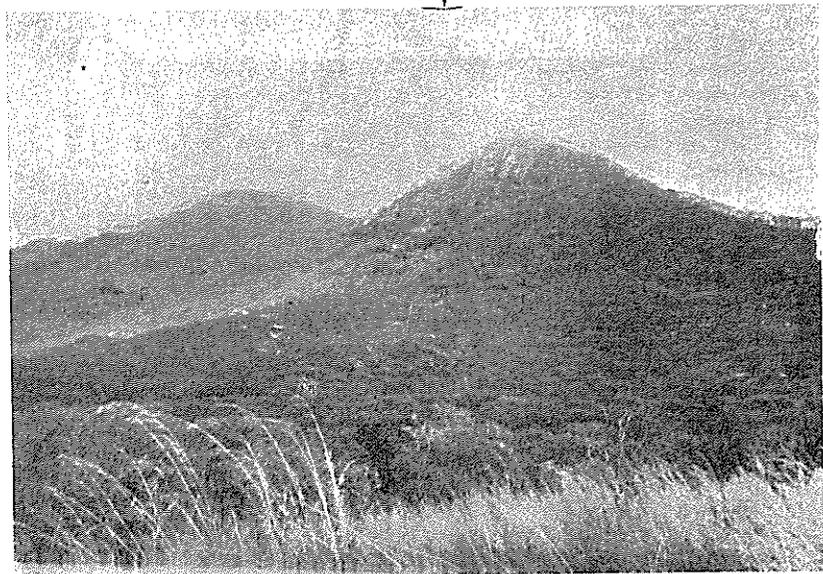


Fig. 57 — Serra do Chifumbazi. As setas indicam o local das pinturas

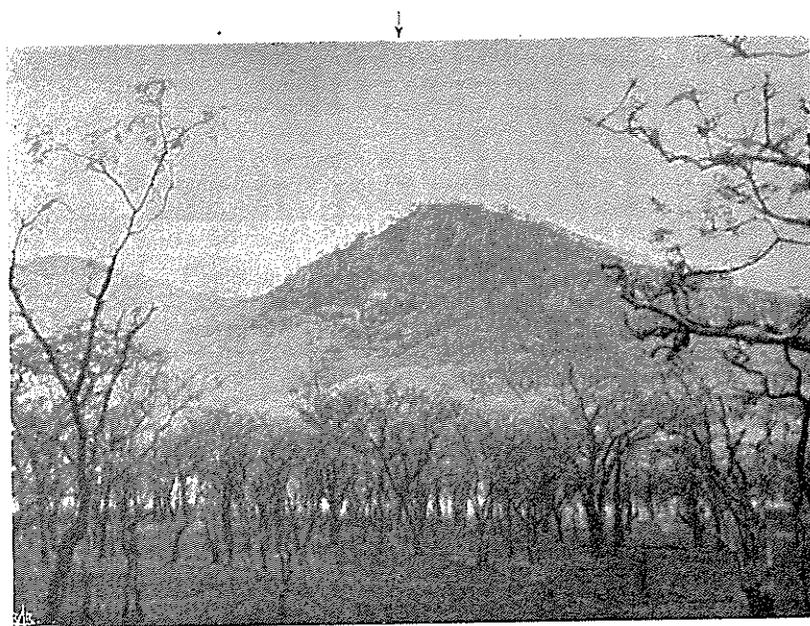


Fig. 58 — Outro aspecto da serra do Chifumbazi. As setas indicam o local das pinturas

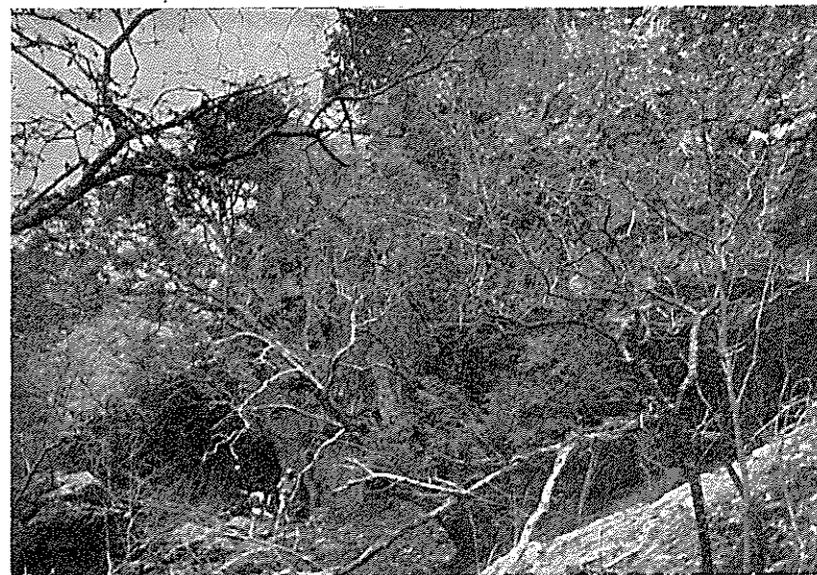


Fig. 59 — Abrigo, com pinturas, do Chifumbazi, encoberto pelo arvoredo

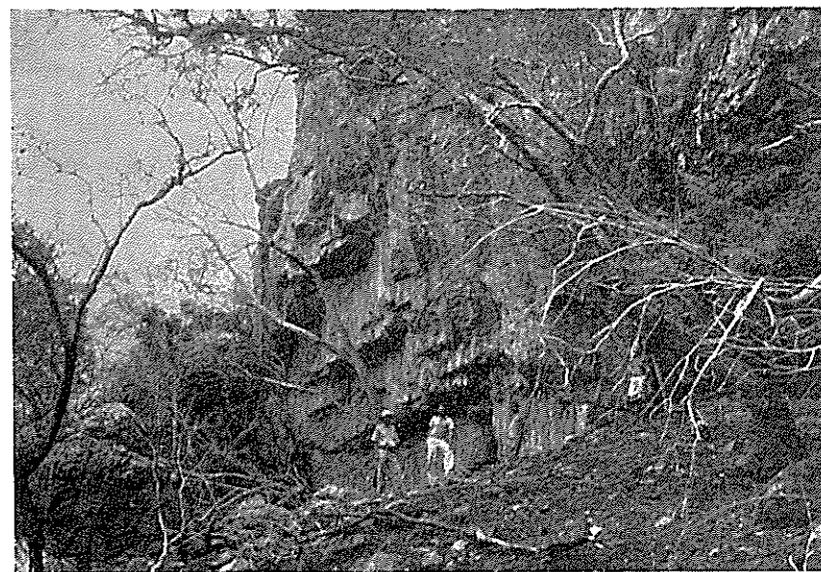


Fig. 60 — Abrigo, com pinturas, do Chifumbazi, desafiado do arvoredo que o encobria. Os ressaltos da quartzite formam palas sucessivas que protegem a superfície fundeira onde se encontram os sinais pintados a vermelho.

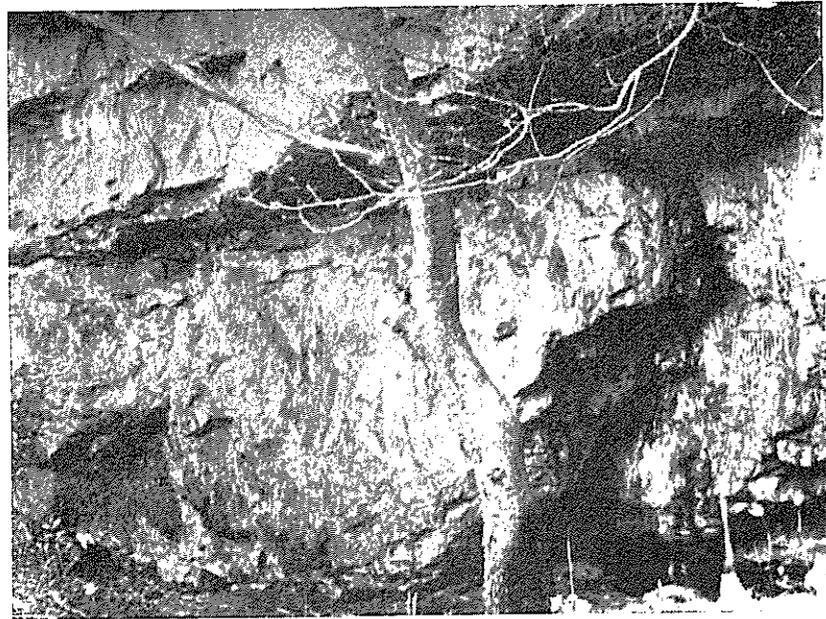


Fig. 61 — Abrigo do Chifumbazi. As setas indicam um dos sinais pectiformes ali existentes

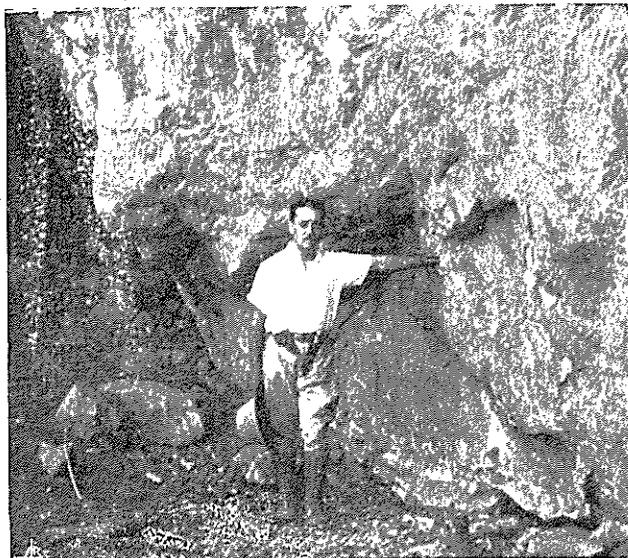


Fig. 62 — Abrigo do Chifumbazi. As setas indicam um dos pectiformes. Onde está apoiada a mão esquerda há um grupo de pectiformes que se vêm nitidamente nas duas figuras seguintes.



Fig. 63 — Abrigo do Chifumbazi. Grupo de pectiformes pintados a vermelho. Como esta fig. bem mostra, a superfície da quartzite é bastante irregular



Fig. 64 — Pormenor da fig. anterior



Fig. 65 — Abrigo do Chifumbazi. Pinturas a vermelho constituindo pectiformes e séries de pontos



Fig. 66 — Abrigo do Chifumbazi. Pormenor dos pectiformes da figura precedente, mostrando nitidamente fiadas de pontinhos brancos sobre alguns dos traços vermelhos que formam as linhas verticais do pectiforme.

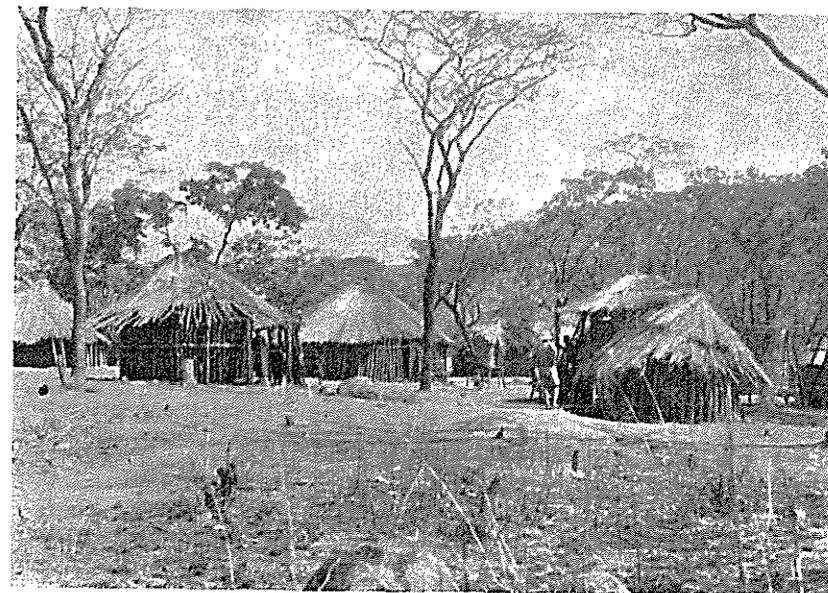


Fig. 67 — Grupo de palhotas da povoação de Coéra. As palhotas são ali designadas pelo nome de *nhumbas*

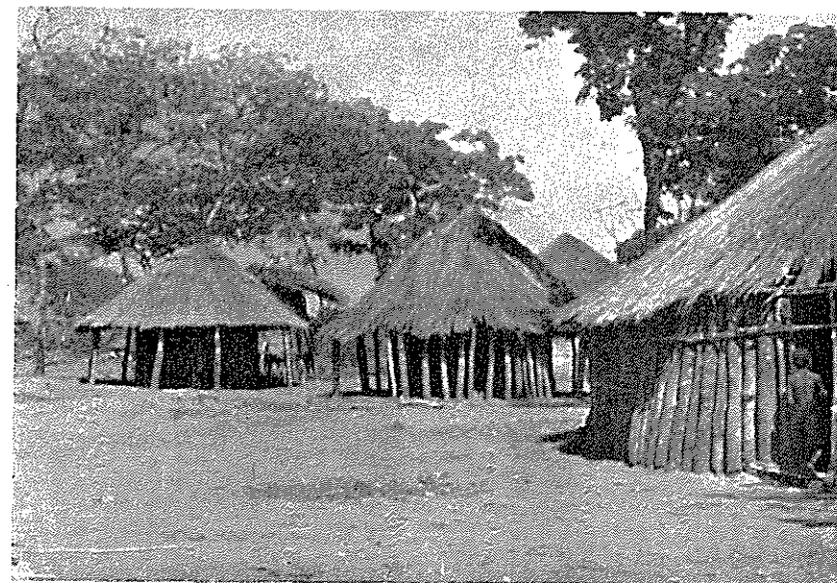
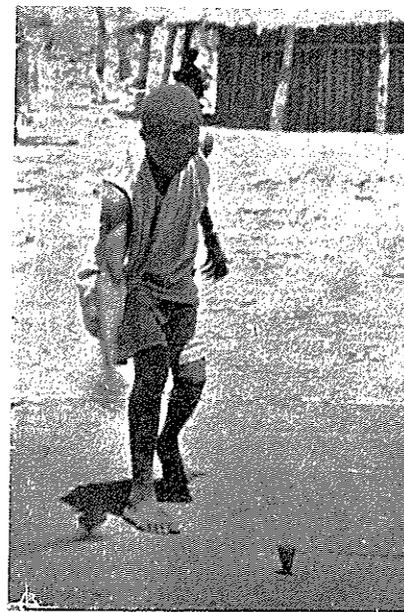


Fig. 68 — Grupo de palhotas da povoação de Coéra (Inhacuaua Coéra). As 3 palhotas ou *nhumbas* do 1.º plano têm todas um corredor circundante denominado *licole*. A cercadura do *licole* é diferente nestes 3 casos, sendo os paus que a formam cada vez mais numerosos da palhota da esquerda para a da direita.

Fig. 69 — Celeiros ou *cogós* para milhoFig. 70 — *Cogó* para amendoim. O rapaz da direita é portador duma hérnia umbilical, malformação bastante freqüente

Fig. 71 — Chifumbazi: Crianças de Coéra depois da distribuição do sal com que os presenteei, sal que iam comendo regaladamente às pedrinhas e saboreando-o como quem chupa rebuçados.

Fig. 72 — Rapaz de Coéra, jogando o pião. Ao pião chamam *enguri* e ao chicote de fibra de casca de árvore com que o acionam *machato*

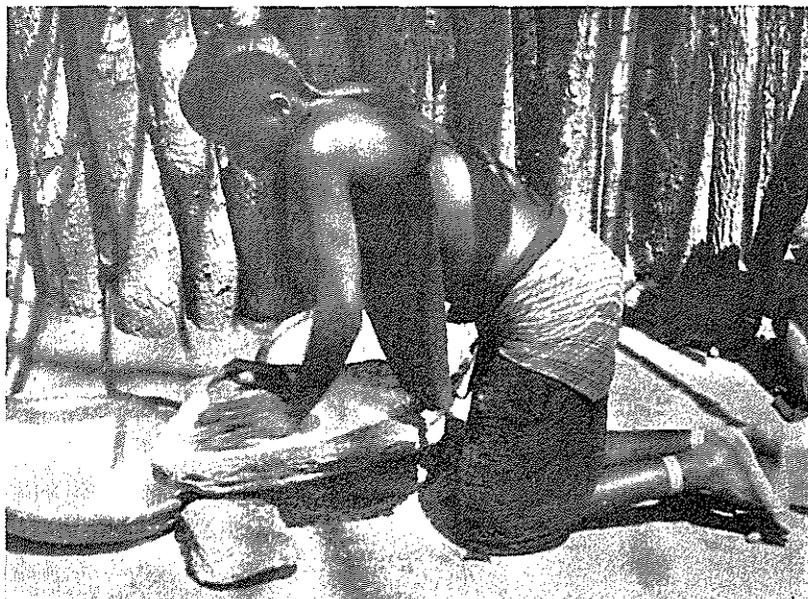


Fig. 73 — Mulher de Coéra preparandô *ufa* (farinha). O grão depois de pilado, *m'pali*, é moído da maneira que a fig. mostra. A mulher segura nas mãos uma pedra pequena chamada *peio* e, de encontro a uma pedra maior denominada *tumba*, vai reduzindo o *m'pali* a fina farinha. Esta operação é designada *opeéra*.



Fig. 74 — Mulher de Coéra na *machamba* a *colimar*. *Machamba*, como é sobejamente conhecido, é a terra que é agricultada. *Colimar* não é mais do que arrancar as ervas com uma cavadela muito superficial, preparando assim a terra para a sementeira.



Fig. 75 — Coéra. Cozinhando ao ar livre. Note-se a cabeça dum dos garotos tôda rapada, à excepção dum pequeno tufo de cabelo que forma uma pequena poupa

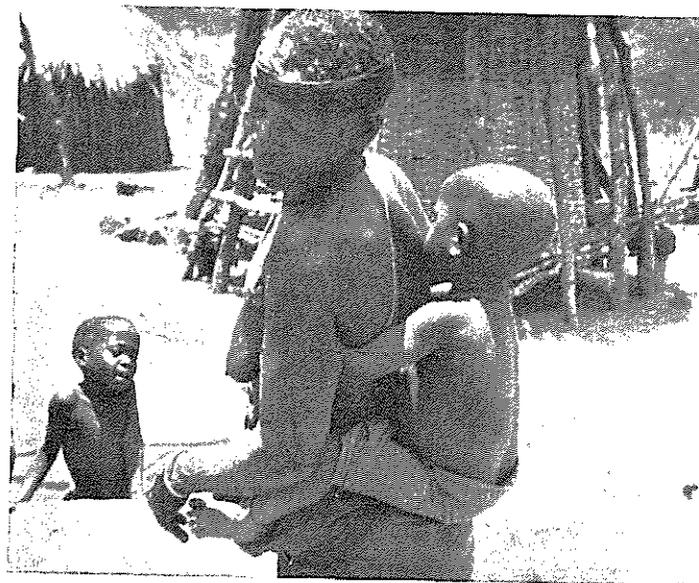


Fig. 76 — Coéra. Mulher transportando o filho às cavaleiras. O pano amarrado na cabeça da mulher é sinal de que a mesma anda doente

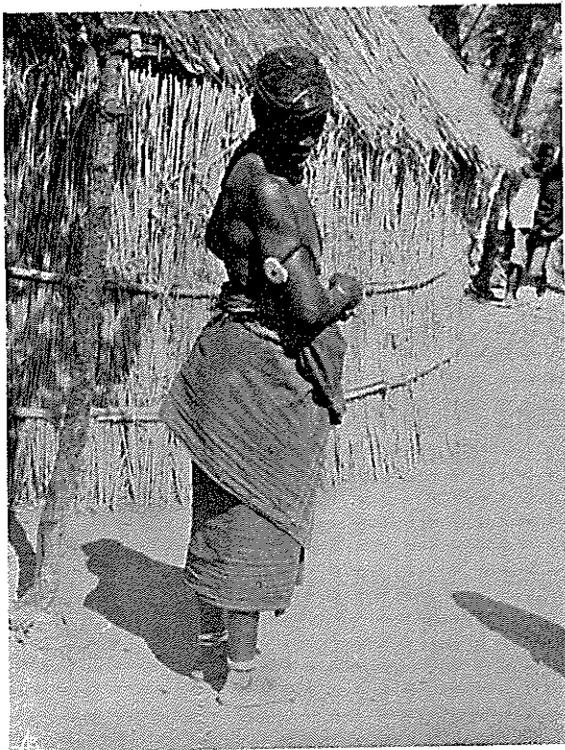


Fig. 77 — Coéra: mulher tendo prêso ao braço direito um fundo duma malga de porcelana como *mancuala* (remédio), para curar o ombro doente. Da mesma maneira que se observa nesta mulher, costumam amarrar um pano à volta da cabeça, quando estão doentes, e especialmente quando têm dores de cabeça.

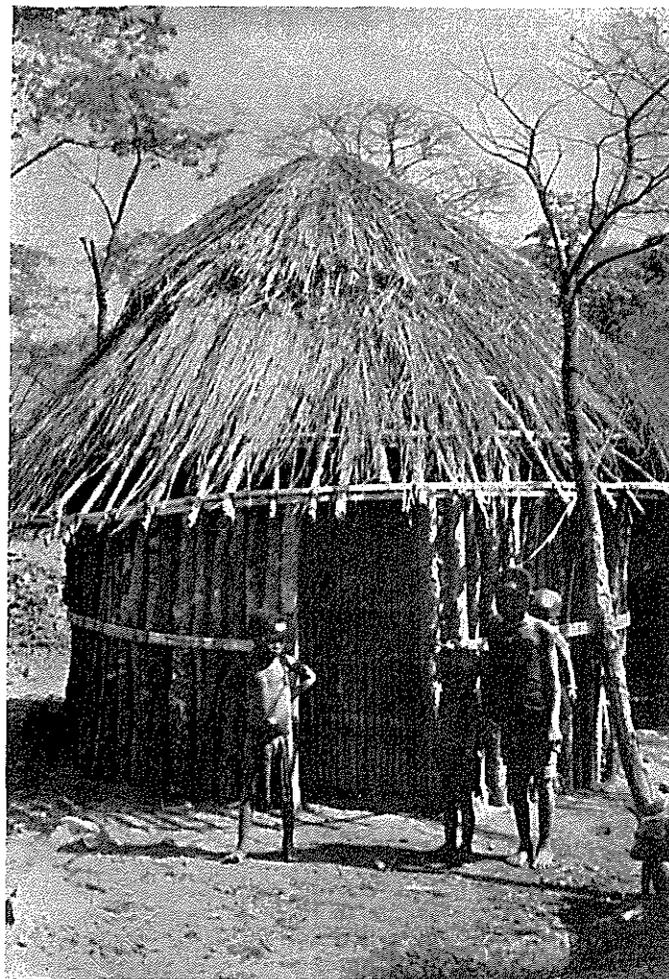


Fig. 78 — Palhota (*nhumba*) de Coéra com insuficiente cobertura de capim, deixando ver os paus da armação. A porta é feita de hastes de bambu rachadas a meio. As paredes da palhota mostram os paus desnudos, sem a camada de barro justaposto que se encontra noutras regiões e que é conhecida pelo nome de *matique*. Esta palhota não tem *licole* (v. fig. 68).

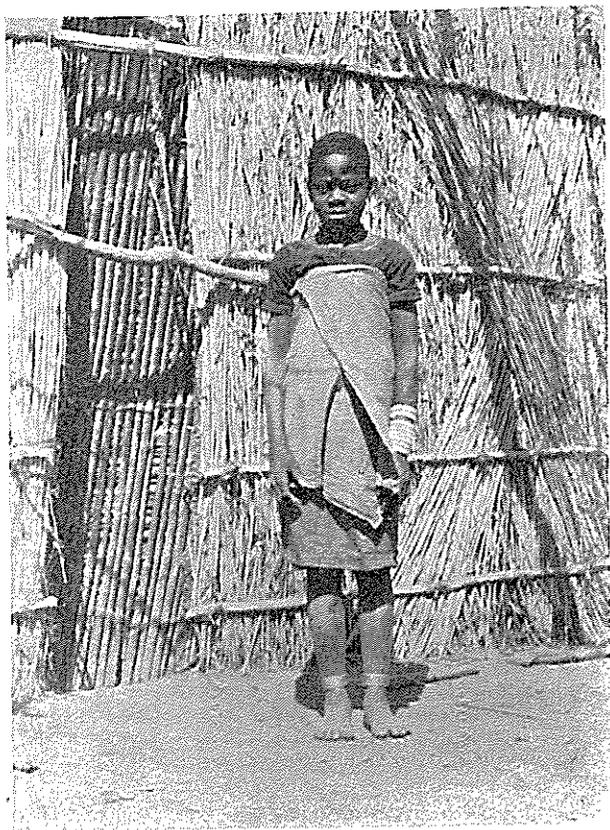


Fig. 79 — Rapariga zimba de Coéra. Notar a quantidade de braceletes nos tornozelos e no braço esquerdo. Como fundo vê-se a palissada feita de capim que veda um pequeno terreno na frente de algumas palhotas.



Fig. 80 — Inhacuaua Coéra. Inhacuaua é o chefe de povoação. O nome da povoação varia com os inhacuauas. Morto um inhacuaua a povoação toma o nome do sucessor. O Inhacuaua Coéra dizia-se zimba. A fotografia foi tirada no canto da palissada fronteira à palhota. Nos primeiros planos vêem-se grandes vasilhas de barro utilizadas para o fabrico do *pombe*, bebida fermentada feita de milho ou de *mapira*.

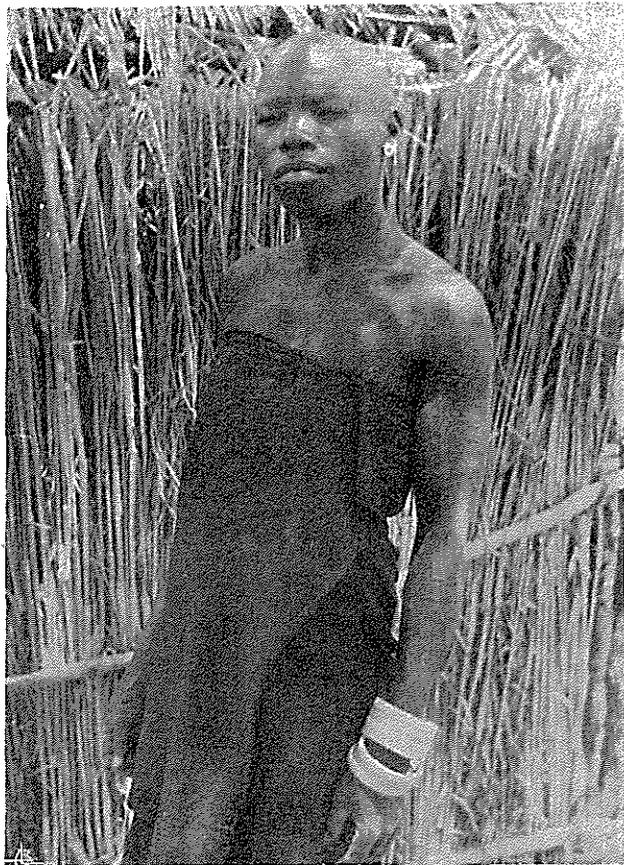


Fig. 81 — Mulher zimba da povoação inhacuaua Coéra. A cabeça completamente rapada é sinal de luto. Note-se que, ao contrário do que geralmente sucede, o pano cai livremente sem ser amarrado na cinta. No lobo da orelha um botão de vidro. No braço esquerdo 6 braceletes de celulóide.

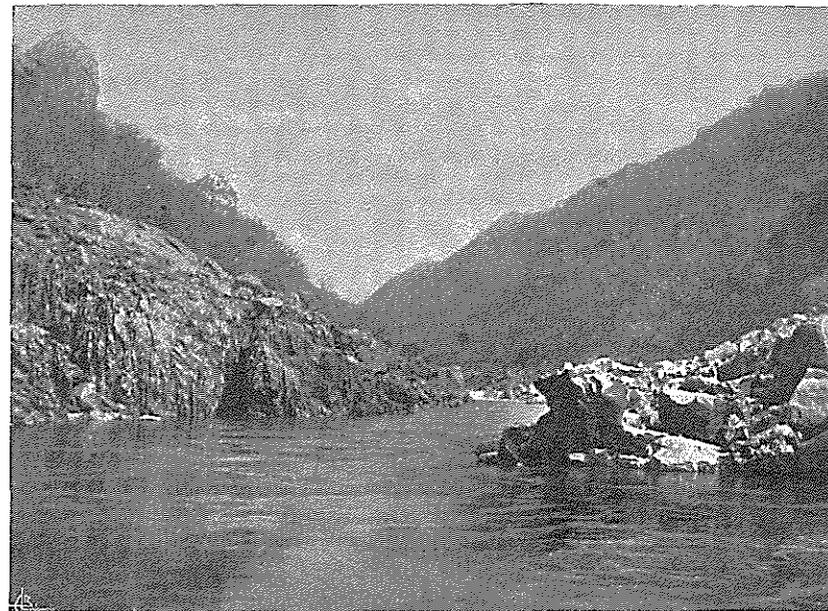


Fig. 82 — O rio Zambeze na Kambulabaça. Além da série de pequenos saltos ou cachoeiras, uma das quais se vê na fotografia, a Kambulabaça é ainda notável pelo estreitamento do Zambeze neste ponto. Precisamente no local que visitei a largura não ia, certamente, além duns 25 ou 30 metros.

água. Depois vieram *saguatis* (presentes) de galinhas e até alguns paneiros de farinha de milho que foram generosamente retribuídos por sal, alimento precioso naquelas paragens, e que os indígenas muito apreciam chupando pedritas de sal tão regaladamente como se foram rebuçados.

Dormimos, como dormiria quem quer que fizesse a jornada que nós fizemos.

Às 3 horas da madrugada toca a levantar. Abalámos para o Zambeze em demanda da *Kambulabaça* (Est. LIX, fig. 82), e das gravuras rupestres que se dizia ali existirem, e que um prêto da nossa comitiva, cipaio na polícia de Tete, dizia ter visto há anos e poder indicar-nos.

Depois de três horas de caminhada chegámos à borda do rio.

A descida da ladeira íngreme, agreste e pedregosa, foi difícil e para mim especialmente, em consequência do reumatismo.

Afinal o desalmado do prêto não deu com o sítio que antes, pela descrição, fazia supor ser uma gruta ou abrigo com gravuras.

O fumo da povoação *Panhafuro*, situada no alto da ladeira que descêramos, acompanhou-nos espontaneamente e interrogado sobre o assunto nada adiantou. Era meio-dia quando estávamos de volta ao acampamento.

Um pouco depois das 15 horas levantámos o acampamento para regressar à estrada.

Na subida da rampa para Marissa, logo adiante do sítio onde na véspera tinha achado o núcleo de sílex, encontrei uma meia dúzia de peças de quartzo, com vestígios nítidos de talhe intencional. Uma delas é um lindo crescente que lembra as peças da cultura Rodésiana de Wilton. Trata-se da primeira estação arqueológica deste género encontrada até à data em Moçambique.

Pena foi que não pudesse estudar mais demoradamente o local, pois é possível que pesquisas cuidadas me fornecessem mais elementos. Não podia haver demoras.

Havia que regressar à estrada, onde chegamos às 19 horas. Tomamos o caminhão e entramos em Tete às 2 horas e meia da madrugada.

A-pesar-da violência da jornada, do excessivo calor e dum ameaço de insolação que tive quando subia a ladeira, a excursão à Kambulabaça teve interêsse. Vi os *Dêmas* da Marissa os *Gôas* de Panhafuro e descobri a estação arqueológica da Marissa.

Algumas pessoas com quem conversei em Tete tinham-me dado relação dos vários tipos étnicos do distrito de Tete, tais como Nhungués ou Chicundas, M'Tongas, Tauáras, Dêmas, Machindas, Sengas, Macangas, Zimbás, Antumbas, Ambús e Anserêros. Nos *Gôas* é que me não tinham falado. Trata-se, segundo parece, dum grupo étnico em via de extinção por absorção dos tipos étnicos vizinhos mais numerosos. Os casamentos que durante muito tempo se faziam só entre indivíduos da mesma tribo, fazem-se hoje, freqüentemente, entre indivíduos de tribus vizinhas que noutras épocas se guerreavam desapiedadamente.

Tive a sorte de deparar ali com algumas peças de quartzo falhado que me permitem estabelecer a primeira estação, ao menos até agora registada, do tipo da cultura rodesiana de Wilton.

O dia 30 de Outubro foi destinado a arrumar a minha bagagem, e a encaixotar o material que, nas minhas jornadas, colhi ou adquiri, para os Museus da minha Universidade.

No dia 1 de Novembro, depois do meio-dia, abalei de Tete, num malfadado caminhão de aluguer. A viagem até Vila Gouveia nesse dia, e para Vila Pery no dia imediato, foi para mim um verdadeiro suplício.

Em Vila Pery avistei-me com o Sr. Engenheiro Pires de Carvalho, que dirige as explorações mineiras da Revue Dredging C.º, em Macequece, que, não só me forneceu algumas interessantes indicações sobre elementos arqueológicos da região onde trabalha, mas também levou a sua gentileza ao ponto de oferecer para o

Museu Antropológico da Universidade do Pôrto uma colecção de 22 contas metálicas encontradas na dragagem das explorações do vale do Rio Revué.

O Sr. Tenente Serpa Rosa, Administrador em Vila Pery, prestou-me tôdas as facilidades e foi amabilíssimo.

Na noite desse dia, 2 de Novembro, tomei o combóio para a Beira, onde cheguei na manhã de 3.

Em 4, à tardinha, embarquei no «Usaramo», da Deutsch Afrika Linien, tendo chegado a Lisboa no dia 9 de Dezembro.

*
* *

Assim dei cumprimento à missão de que fui encarregado. Pêna foi que não pudesse dispor de mais tempo, pois, se assim fôra, o rendimento teria sido maior. O Sr. Dr. Francisco Vieira Machado, ilustre Ministro das Colónias, deseja que os trabalhos da Missão Antropológica prossigam.

Agradeço a sua Excelência a honra com que me distinguiu, convidando-me em Dezembro findo, a quando da minha chegada a Lisboa, a voltar a Moçambique em nova campanha, para prosseguir nos estudos que, pode dizer-se, foram apenas iniciados.

Oxalá que em futuras campanhas a Missão Antropológica, que tem a seu cargo estudos de Antropologia, Arqueologia e Etnografia, possa agregar um ou dois investigadores, o que permitiria fazer uma distribuição de tarefas e conseqüentemente obter um maior proveito.

Estou certo de que Sua Excelência o Ministro das Colónias, logo que seja possível, não deixará de dotar a Missão Antropológica com todos os elementos necessários a um amplo e cuidado programa de colheitas e de estudo.

O extraordinário interêsse que S. Ex.^a tem manifestado pelos estudos científicos coloniais é bem patente.

Fêz o ilustre Ministro prosseguir activamente os trabalhos da Missão Geográfica a Moçambique, dirigida pelo Sr. Comandante Baeta Neves.

Em Fevereiro último abalou para Angola a Missão Botânica superiormente dirigida pelo ilustre Professor da Universidade de Coimbra Dr. Luiz Carrisso. Dentro de pouco tempo seguirão também o Prof. Dr. Fernando Frade e sua espôsa Dr.^a D. Amélia Bacelar, distintos naturalistas da Universidade de Lisboa que têm a seu cargo a missão Zoológica. Dêste modo se está realizando uma obra do mais puro nacionalismo.

O conhecimento científico das nossas colónias é tarefa a realizar com fervoroso entusiasmo e com a mais decidida boa vontade.

Conheçamos as nossas colónias, valorizemo-las com o nosso esforço, com o nosso trabalho dedicado e profícuo, para maior glória da Pátria.

As nossas colónias, embora muitos pareçam ignorá-lo ou queiram dar a impressão de que o desconhecem, constituem parte integrante da Pátria sacrossanta.

As nossas plagas africanas, os montes, os rios, as planícies e as florestas dos nossos domínios de além-mar, regados pelo sangue nobre dos nossos antepassados, valorizados pelos sacrificios heróicos e pelas extenuantes fadigas dum punhado de gigantes que, em luta contra o meio inhóspito e contra o indígena bárbaro e agressivo, fizeram a sua descoberta e ocupação metódica e inteligente, essas plagas, êsses montes, êsses rios, essas planícies e essas florestas, constituem pedaços vivos do corpo sagrado da Pátria que nós portugueses de hoje, com a compreensão nítida e serena dos nossos direitos, valorizamos pelo nosso trabalho continuado e digno, prontos a, custe o que custar, os defender na sua absoluta integridade.

Universidade do Pôrto, Abril de 1937.